



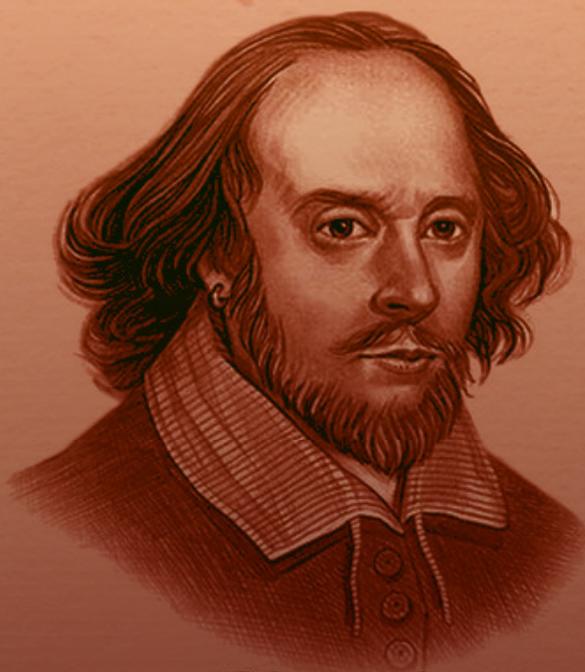
# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



William Shakespeare

*Romeu e Julieta*

Tradução

Carlos Alberto Nunes



**Iba Mendes Editor Digital**

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*Romeu e Julieta*

**William Shakespeare**

Tradução  
**Carlos Alberto Nunes**  
(1897-1990)

Atualização ortográfica e projeto gráfico  
**Iba Mendes**

---

*Editado a partir da edição de "Ridendo Castigat Mores" e versão de "eBooksBrasil.org", confrontando-se com a publicação das Edições Melhoramentos: "Obras completas de Shakespeare".*

Livro Digital nº 895 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Estrangeira.

**William Shakespeare**  
**(1564 - 1616)**

---



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# ROMEU E JULIETA



## PERSONAGENS:

ESCALO (Príncipe de Verona)

PÁRIS (jovem nobre, parente do príncipe)

MONTECCHIO } (chefes das duas casas rivais)  
CAPULETO }

Um tio de Capuleto.

ROMEU (filho de Montecchio)

MERCÚCIO (parente do príncipe, amigo de Romeu)

BENVÓLIO (sobrinho de Montecchio, amigo de Romeu)

TEBALDO (sobrinho da senhora Capuleto)

FREI LOURENÇO (franciscano)

FREI JOÃO (da mesma Ordem)

BALTASAR (criado de Romeu)

SANSÃO } (criados de Capuleto)  
GREGÓRIO }

PEDRO (criado da ama de Julieta)

ABRAÃO (criado de Montecchio)

Um boticário

Três músicos

Pajem de Mercúcio; pajem de Páris; outro pajem; o oficial

SENHORA MONTECCHIO (esposa de Montecchio)

SENHORA CAPULETO (esposa de Capuleto)

JULIETA (filha de Capuleto)

Ama de Julieta

Coro.

## PRÓLOGO

*Entra o coro.*

CORO

Duas casas, iguais em dignidade — na formosa Verona vos dirão — reativaram antiga inimizade, manchando mãos fraternas sangue irmão. Do fatal seio desses dois rivais um par nasceu de amantes desditosos, que em sua sepultura o ódio dos pais depuseram, na morte venturosos. Os lances desse amor fadado à morte e a obstinação dos pais sempre exaltados que teve fim naquela triste sorte em duas horas vereis representados. Se emprestardes a tudo ouvido atento, supriremos as faltas a contento.

## ATO I

### CENA I

*Verona. Uma praça pública. Entram Sansão e Gregório, armados de espada e broquel.*

SANSÃO

Por minha palavra, Gregório: não devemos levar desaforo para casa.

GREGÓRIO

É certo; para não ficarmos desaforados.

SANSÃO

O que quero dizer é que quando eu fico encolerizado puxo logo da espada.

GREGÓRIO

Sim, mas se quiseres viver, toma cuidado para não ficares encolarinhado.

SANSÃO

Quando me irritam, eu ataco prontamente.

GREGÓRIO

Mas não te irritas prontamente para atacar.

SANSÃO

Até um cachorro da casa dos Montecchios me deixa irritado.

GREGÓRIO

Ficar irritado é pôr-se em movimento, e ser valente é estacar. Logo, se ficares irritado, pôr-te-ás a correr.

SANSÃO

Um cachorro daquela casa me fará fazer pé firme. Encostar-me-ei na parede contra qualquer homem ou rapariga da casa de Montecchio.

GREGÓRIO

Isso prova que não passas de um escravo fraco, porque o mais fraco é que se encosta à parede.

SANSÃO

É certo; é por isso que as mulheres, como vasilhas mais fracas, são sempre encostadas à parede. Por isso, afastarei da parede os homens de Montecchio e encostarei nela as raparigas.

GREGÓRIO

A pendência é entre nossos amos e nós, seus servidores.

SANSÃO

Pouco importa; hei de revelar-me tirano: depois de lutar com os homens, serei cruel com as raparigas; arranharei a pele de todas as virgens.

GREGÓRIO

Como! A pele de todas as virgens?

SANSÃO

Perfeitamente; a pele de todas as virgens, ou sua pele de virgem. Interpreta isso no sentido que quiseres.

GREGÓRIO

As que o sentirem, que o interpretem no seu verdadeiro sentido.

SANSÃO

A mim elas terão de sentir, enquanto eu for capaz de resistir, pois bem sabes que sou um belo pedaço de carne.

GREGÓRIO

É bom que não sejas peixe; porque se o fosses, não passarias de bacalhau. Vamos; arranca teus instrumentos, que ai vêm vindo dois da casa de Montecchio.

*(Entram Abraão e Baltasar)*

SANSÃO

Minha arma nua já está fora; briga tu que eu defenderei tuas costas.

GREGÓRIO

Como assim? Viras as costas e corres?

SANSÃO

Não tenhas medo de mim.

GREGÓRIO

Ora essa! Eu, ter medo de ti?

SANSÃO

Fiquemos com a lei do nosso lado; eles que principiem.

GREGÓRIO

Vou franzir o rosto, quando passar por eles; e eles que interpretem isso como entenderem.

SANSÃO

Não; como ousarem. Vou morder o polegar, o que para eles será desonroso, no caso de não retrucarem.

ABRAÃO

É para nós que estais mordendo o polegar, senhor?

SANSÃO

Estou mordendo o polegar, senhor.

ABRAÃO

É para nós que mordeis o polegar, senhor?

SANSÃO (*à parte, a Gregório*)

Se eu disser que sim, ficaremos com a lei de nosso lado?

GREGÓRIO (*à parte, a Sansão*)

Não.

SANSÃO

Não, senhor; não é para vós que estou mordendo o polegar; mas estou mordendo o polegar, senhor.

GREGÓRIO

Estais querendo brigar, senhor?

ABRAÃO

Eu, senhor, querendo brigar? Não, senhor.

SANSÃO

Porque, se o quiserdes, senhor, estou às vossas ordens; sirvo a um senhor tão bom quanto o vosso.

ABRAÃO

Porém não melhor.

SANSÃO

Perfeitamente, senhor.

GREGÓRIO (*à parte, a Sansão*)

Dize “melhor”; aí vem vindo um parente de nosso amo.

SANSÃO

Sim, senhor: melhor.

ABRAÃO

Estais mentindo.

SANSÃO

Desembainhai, se fordes homem! Gregório, não te esqueças de teu bote de fundo.

*(Batem-se. Entra Benvólio)*

BENVÓLIO

Loucos, parai com isso! Guardai vossas espadas. Não sabeis o que fazeis.

*(Entra Tebaldo)*

TEBALDO

Como! Sacas da espada contra uns pobres corçoelhos sem força? Aqui, Benvólio! Vem encarar a morte!

BENVÓLIO

Procurava separar esta gente. Guarda a espada e me ajuda a acalmá-los.

TEBALDO

Como! Falas em paz e a espada arrancas? Tão grande ódio tenho a esse termo como ao próprio inferno, a todos os Montecchios e a ti mesmo. Defende-te, covarde!

*(Batem-se. Entram partidários das duas casas, que se misturam com os combatentes; depois entram cidadãos, armados de paus e partasanas)*

CIDADÃOS

Varas e partasanas! Derrubai-os! Descei o pau! Abaixo os Capuletos!  
Fora os Montecchios!

*(Entra Capuleto, de roupão de dormir, e a Senhora Capuleto)*

CAPULETO

Que barulho é esse? Minha espada comprida! Ide buscá-la! Olá!

SENHORA CAPULETO

Muletas, isso sim: muletas! Por que pedir espada?

CAPULETO

A espada! digo. Chega o velho Montecchio e brande a lâmina, para fazer-me acinte.

*(Entram Montecchio e a Senhora Montecchio)*

MONTECCHIO

Capuleto, Vilão!... Deixai! Tem de se haver comigo.

SENHORA MONTECCHIO

Não darás um só passo para o inimigo.

*(Entra o príncipe com seu séquito)*

PRÍNCIPE

Súditos revoltosos, inimigos da paz, que profanais vossas espadas no sangue dos vizinhos... Quê! Não ouvem? Olá, senhores, animais selvagens que as chamais apagais de vossa fúria perniciososa na fonte purpurina de vossas próprias veias. Sob ameaça de tortura, jogai das mãos sangrentas as armas para o mal, só, temperadas, e a sentença escutai de vosso príncipe irritado. Três vezes essas lutas civis, nascidas de palavras aéreas, por tua causa, velho Capuleto, por ti, Montecchio, a paz de nossas ruas três vezes perturbaram. Os prolectos cidadãos de Verona, despojando-se das vestes graves que tão bem os ornaram, nas velhas mãos lanças antigas brandem, vosso ódio enferrujado. Se de novo vierdes a perturbar nossa cidade, pela

quebrada paz dareis as vidas. Por agora, que todos se retirem. Vós, Capuleto, seguireis comigo, e vós Montecchio, à tarde ireis à velha Cidade-Franca, à corte da Justiça, para conhecimento, assim, tomardes de quanto resolvermos sobre o caso. Já! Sob pena de morte, dispersai-vos!

*(Saem todos, com exceção de Montecchio, a senhora Montecchio e Benvólio)*

MONTECCHIO

Quem reavivou esta querela antiga? Sobrinho, dize: onde te achavas na hora?

BENVÓLIO

Antes de eu vir aqui já se encontravam em luta engalfinhados vossos homens e os de vosso inimigo. Tencionando separá-los, saquei de minha espada. Nesse instante, porém, chegou o ardente Tebaldo, espada em punho, que, soprando-me desafios sem conta, não parava de voltear a arma em torno da cabeça, cortando, assim, os ventos que, de nada molestados com isso, só faziam assobiar para ele com desprezo. Enquanto revidávamos os botes e as estocadas, foi chegando gente que aumentou o furor de ambas as partes, até que o duque separasse as partes.

SENHORA MONTECCHIO

Oh! E onde está Romeu? Sabes, acaso? Alegra-me não vê-lo neste caso.

BENVÓLIO

Uma hora antes de haver o sol sagrado cortado as franjas de ouro do nascente, senhora, me levou o inquieto espírito a fazer um passeio lá por fora, onde à sombra de um bosque de sicômoros que se estende para oeste da cidade vi vosso filho a andar, que madrugara. Dirigi-me para ele; mas, havendo-me pressentido, esgueirou-se para a sombra mais densa do arvoredo. Eu, que seu íntimo medira pelo meu, que mais procura justamente onde nada achar consegue, demais já sendo para mim eu próprio, meu capricho segui, deixando o dele, e de grado evitei quem me evitava.

MONTECCHIO

Muitas manhãs tem ele sido visto nesse bosque, a aumentar com suas lágrimas o orvalho matutino e acrescentando com seus suspiros fundos novas nuvens às nuvens existentes. Porém logo que principia o sol, que tudo alegra, a abrir no este longínquo o véu sombroso do tálamo da Aurora, da luz foge meu filho atribulado, recolhendo-se à casa, onde se fecha no seu quarto, cerra as janelas, a luz clara expulsa, e noite artificial, assim, prepara. Poderá acabar mal todo esse enlço, se não for afastada a causa disso.

BENVÓLIO

Meu nobre tio, conheceis a causa?

MONTECCHIO

Não, nem consigo saber dele nada.

BENVÓLIO

Acaso já insististes junto dele?

MONTECCHIO

Não só eu, como alguns amigos nossos. Mas ele confidante de suas próprias inclinações — ignoro até que ponto verdadeiro se mostra — tão discreto consigo mesmo é sempre e tão distante de se deixar sondar e patentear-se como o botão que o verme escuro morde antes que no ar ostente as doces folhas e a formosura à luz do sol dedique. Se a causa eu conhecesse da tristeza deixá-lo-ia curado, isso é certeza.

BENVÓLIO

Ei-lo que chega. Ponde-vos de lado; há de falar-me ou se mostrar zangado.

MONTECCHIO

Oh! Quem dera que o ouvisses, em boa hora, em confissão! Vamos, madame, embora.

*(Saem Montecchio e a senhora. Entra Romeu)*

BENVÓLIO

Bom dia, primo.

ROMEU

Como assim! Já é dia?

BENVÓLIO

São nove horas.

ROMEU

A dor é um tardo guia. Não foi meu pai que se afastou com pressa?

BENVÓLIO

Perfeitamente; mas que dor as horas retarda de Romeu?

ROMEU

Não ter aquilo que, se o tivesse, as deixaria curtas.

BENVÓLIO

No amor?

ROMEU

Fora...

BENVÓLIO

Do amor?

ROMEU

Fora do amor de quem me traz cativo.

BENVÓLIO

Ah! que aparência tenha amor tão branda, mas, de fato, seja áspero e tirano

ROMEU

Ah! que, apesar da venda, amor consiga descobrir seus caminhos sem fadiga. Onde iremos comer? Oh! que batalha por aqui houve? Mas não contes nada, que já soube de tudo. O ódio dá muito trabalho por aqui; mas mais, o amor. Então, amor brigão! Ó ódio amoroso! És tudo, sim; do nada fostes criado desde o princípio. Leviandade grave, vaidade séria, caos imano e informe de belas aparências, chumbo leve, fumaça luminosa, chama fria, saúde doente, sono sempre esperto, que não é nunca o que é. Eis aí o amor que eu sinto e que me causa apenas dor. Não queres rir?

BENVÓLIO

Não, primo; chorar quero.

ROMEU

Por quê, bondoso amigo?

BENVÓLIO

Por ver que tens oprimido o coração.

ROMEU

Do amor é sempre assim a transgressão. As dores próprias pesam-me no peito; mas agora redobras-lhes o efeito com mostrares as tuas; o tormento que revelaste, ao meu deu mais alento. O amor é dos suspiros a fumaça; puro, é fogo que os olhos ameaça; revoltado, um mar de lágrimas de amantes... Que mais será? Loucura temperada, fel ingrato, doçura refinada. Adeus, primo. *(Faz menção de retirar-se)*

BENVÓLIO

Mais calma; irei também; se me deixardes não procedeis bem.

ROMEU

Ora, já me perdi. Não sou Romeu. Esse está longe. Está não sei bem onde.

BENVÓLIO

Dizei-me seriamente a quem amais.

ROMEU

Como! Precisarei gemer o tempo todo que te falar?

BENVÓLIO

Gemer? Oh, não! Mas dizer, em verdade, quem seja ela.

ROMEU

Mandai fazer o doente o testamento. Que ideia triste para o desalento! Primo, em verdade: adoro uma mulher.

BENVÓLIO

Acertado também nesse alvo eu tinha, ao vos imaginar apaixonado.

ROMEU

Ótimo atirador! E ela é formosa.

BENVÓLIO

Primo, acertar assim é grande dita.

ROMEU

Nisso vos enganais. Ela é catita. A seta de Cupido não cogita de bater nela. Sábia como Diana, a castidade é sua soberana. Do arco gentil do amor está amparada e, assim, da lenga-lenga apaixonada. Resistir pode a todos os assaltos dos olhares morteiros, não chegando nunca a cair-lhe no regaço a chuva de ouro que os próprios santos tem vencido. Oh! é rica em beleza, mais que bela, porque a beleza morrerá com ela.

BENVÓLIO

Então jurou que sempre há de ser casta?

ROMEU

Jurou; e sua avareza tão nefasta grandes estragos fez, pois a beleza com tal severidade, de fraqueza quase veio a morrer, tendo ficado sem prole alguma. Incrível atentado! É muito bela e sábia, sabiamente formosa para estar sempre contente com me fazer sofrer.

Fez juramento de não amar jamais, um só momento. E nesse voto infausto eu vivo morto só de a todos contar meu desconforto.

BENVÓLIO

Por mim guiar te deixes nisso: esquece-a

ROMEU

Oh! A esquecer-me ensina o pensamento.

BENVÓLIO

Dá liberdade aos olhos; examina outras belezas.

ROMEU

Esse é o meio certo de mais consciente me tornar ainda de sua formosura em tudo rara. Essas felizes máscaras que as fronte beijam das jovens belas, sendo pretas pensar nos fazem que a beleza escondem. Quem chegou a cegar, jamais se esquece da joia rara que perdeu com a vista. Mostrai-me uma mulher de inexcedível formosura; para algo servir pode, senão de sugestão para que eu leia quem a excedeu em tanta formosura? Não, nunca há de ensinar-me o esquecimento.

BENVÓLIO

Hei de nisso empregar o meu talento.

*(Saem)*

## CENA II

*O mesmo. Uma rua. Entram Capuleto, Páris e um criado.*

CAPULETO

Tanto eu como Montecchio recebemos igual penalidade. Como velhos em paz viver não nos será difícil.

PÁRIS

Ambos gozais de altíssimo conceito, sendo de lastimar que há tanto tempo vivais em desavença. Mas agora, milorde, que dizeis de meu pedido?

CAPULETO

Repito o que já disse. Minha filha ainda é uma estrangeira neste mundo; mal o curso notou de quatorze anos. De dois estios murchará o orgulho, sem que ouçamos das núpcias o barulho.

PÁRIS

Mães venturosas já são muitas outras jovens mais moças ainda.

CAPULETO

As que começam antes do tempo, também morrem cedo. Todas as minhas esperanças foram tragadas pela terra; somente essa me resta, herdeira grata do que tenho. Mas meu Páris gentil, falai com ela; nisso, minha vontade uma parcela, tão só, é do seu querer. Sendo do gosto dela, no mesmo ponto estou disposto a dar, alegre, o meu consentimento. Seguindo agora o velho regimento, darei hoje uma festa de alegria para a qual convidei a companhia de pessoas amigas. Vós, também, sendo mais um, fazeis, como ninguém, jus ao convite. Completai a lista, sem ser preciso que eu sobre isso insista. Em minha pobre casa heis de irradiantes estrelas hoje ver, que, mui galantes, da terra lançam luz ao céu sombrio. A sensação que tem o homem sadio, quando abril ataviado segue os passos do coxo inverno, trêmulos e lassos, em casa hoje heis de ter, no mesmo instante em que virdes o bando deslumbrante de botões femininos. Sede atento para todas, mostrai contentamento com a que vos parecer mais bem prendada. Entre muitas, também, examinada minha filha há de ser, que embora possa ter mérito, a nenhuma fará moça. Vinde comigo. *(Entrega um papel a um dos criados)* Olá, rapaz! Depressa corre à bela Verona e os nomes dessa lista procura, a todos anunciando que hoje terão de minha casa o marido.

*(Saem Capuleto e Páris)*

CRIADO

Procurar os donos dos nomes desta lista! Está escrito que o sapateiro se ocupará com sua jarda, o alfaiate com suas formas, o pescador com seu pincel, o pintor com suas redes. Mas a mim me incumbem de procurar os donos dos nomes escritos aqui, sem que eu jamais possa encontrar os nomes anotados pela pessoa que escreveu isto. Tenho de procurar gente instruída. Oh! Em boa hora!

*(Entram Benvólio e Romeu)*

BENVÓLIO

Ora, rapaz! Incêndio a incêndio cura. Uma dor faz minguar a mais antiga. Desvirar do virar sara a tontura. Um desespero a velha dor mitiga. Deixa os olhos pegar nova infecção, porque da velha possas ficar são.

ROMEU

Vossa folha de plátano para isso fora excelente.

BENVÓLIO

Para quê, amigo?

ROMEU

Para perna quebrada.

BENVÓLIO

Estás maluco, Romeu?

ROMEU

Maluco? Não; mas mais atado do que um louco furioso; encarcerado, morto de fome, chibateado, posto no banco de tormento e... Salve, amigo

CRIADO

Deus vos salve, senhor. Por obséquio, senhor, sabeis ler?

ROMEU

Sei, sim; minha miséria e a própria sorte.

CRIADO

Talvez tivésseis aprendido isso sem o auxílio de livros. Mas, por obséquio, sereis capaz de ler tudo o que virdes?

ROMEU

Sou, se souber a língua e vir o escrito.

CRIADO

Falais com honestidade. Passai bem. (*Faz menção de retirar-se*)

ROMEU

Espera aí, rapaz; sei ler. “Signior Martino, sua esposa e filhas; o conde Anselmo com suas encantadoras irmãs; a senhora viúva de Vitrúvio; signior Placêncio e suas amáveis sobrinhas; Mercúcio e seu irmão Valentino; meu tio Capuleto, sua esposa e filhas; minha linda sobrinha Rosalina; Lívia: o signior Valêncio com seu primo Tebaldo; Lúcio e a encantadora Helena.” Belo conjunto. Onde é que será isso?

CRIADO

Lá em cima.

ROMEU

Onde?

CRIADO

Na ceia em nossa casa.

ROMEU

Casa de quem?

CRIADO

Do meu amo.

ROMEU

Com efeito; é o que eu deveria ter perguntado em primeiro lugar.

CRIADO

Mas vou dizer-vos, sem que mo pergunteis. Meu amo é o grande e rico Capuleto, e se não fordes da casa dos Montecchios, peço-vos que também vades esvaziar uma taça de vinho. Prossegui alegre.  
(*Sai*)

BENVÓLIO

Nessa tradicional festividade de Capuleto vai cear a tua formosa Rosalina, juntamente com as demais beldades de Verona. Vai também, e com olhos imparciais compara o rosto dela com o de quantas eu te mostrar por lá, que sem estorvo, verás teu cisne transformado em corvo.

ROMEU

Se meus olhos devotos falsidade tão grande sustentarem, que em fogueira de suas lágrimas morra sem piedade, como hereges passíveis de cegueira. Mais linda que ela! Nunca o sol radiante no mundo todo viu tão bela amante.

BENVÓLIO

Pesaste-a nos dois pratos da balança de teus olhos, sem outra vizinhança. Mas sopesa nos pratos de cristal tua beldade e outra qualquer vestal que eu te mostrar brilhante nessa festa, e logo a tua te será indigesta.

ROMEU

Irei; não para ver tal resplendor, mas para me ofuscar em meu amor.

(*Saem*)

### CENA III

*O mesmo. Um quarto em casa de Capuleto. Entram a senhora Capuleto e a ama.*

SENHORA CAPULETO

Ama, onde está Julieta? Vai chamá-la

AMA

Por minha virgindade quando eu tinha doze anos: já a chamei. Minha ovelhinha. Vem cá, meu coração! Deus me perdoe, mas onde está a menina? Oh, Julieta!

*(Entra Julieta)*

JULIETA

Que é que houve? Quem me chama?

AMA

Vossa mãe.

JULIETA

Senhora, aqui estou eu. Que desejais?

SENHORA CAPULETO

Eis o assunto... Ama, deixa-nos sozinhas por algum tempo. Tenho de falar-lhe muito em particular. Não, ama: volta! Lembrei-me agora que é preciso que ouças nossa conversa, pois há muito tempo conheces minha filha.

AMA

É certo, posso dizer que idade tem, hora por hora.

SENHORA CAPULETO

Tem quatorze anos incompletos.

AMA

Jogo quatorze de meus dentes — muito embora, para minha aflição, só tenha quatro — em como não fez ainda quatorze anos. Para um de agosto quanto falta ainda?

SENHORA CAPULETO

Uma quinzena e pouco.

AMA

Pouco ou muito, não importa. O que é certo é que no dia um de agosto completa quatorze anos. Ela e Susana — Deus ampare as almas cristãs! — eram da mesma idade. Bem; Susana está com Deus. Mas, como disse: na noite de primeiro ela completa quatorze anos. É certo: quatorze anos. Lembro-me bem. Desde o tremor de terra, onze anos se passaram. Desmamada foi nesse tempo; nunca hei de esquecê-lo, pois nos seios passado havia losna, sentada ao sol, embaixo do pombal. Vós e o patrão em Mântua vos acháveis — Oh! que memória a minha! — Mas, como ia dizendo: quando ela sentiu o gosto de losna no mamilo e o achou amargo — coisinha tola! — como ficou brava! como bateu nos seios! Nisso, “Crac!” fez o pombal. Não foi preciso mais para eu mexer-me. Já se passaram, desde então, onze anos. De pé, sozinha, ela já então ficava. Sim, pela Santa Cruz, podia mesmo correr a cambalear por toda a casa, pois no dia anterior ferira a testa. Foi quando meu marido — Deus conserve sempre sua alma! Era de gênio alegre — levantou a menina. “Sim”, disse ele, “caís agora de frente? Pois de costas cairás, quando tiveres mais espírito. Não é, Julu?” E, pela Santa Virgem, parando de chorar, a pirralhinha respondeu: “Sim”. Uma pilhéria  *fina verti* sempre a tempo. Juro que ainda mesmo que mil anos eu viva, jamais hei de me esquecer do episódio. Perguntou-lhe: “Não é, Julu?” E aquela pirralhinha parando de chorar, respondeu: “Sim”.

SENHORA CAPULETO

Sobre isso, basta. Fica quieta, peço-te.

AMA

Pois não, senhora; mas não me é possível deixar de rir, ao recordar como ela interrompeu o choro e disse “Sim”. No entretanto, crescera-lhe na testa, jurar posso, um calombo grande como testículo de galo. Que pancada! E ela chorava amargamente. “É certo”, disse-lhe meu marido; “caís de frente, não é assim? Mas vais cair de costas, quando fores maior. Não é, Julu?” E ela, já sem chorar, respondeu: “Sim”.

JULIETA

Então para também, ama; é o que peço.

AMA

Bem, já acabei. Que Deus te tenha em graça. Foste a criança mais linda que eu criei. Se algum dia eu puder ver-te casada, é tudo o que desejo.

SENHORA CAPULETO

Pois foi para falar em casamento que te chamei. Filha Julieta, diz-me: em que disposição estás para isso?

JULIETA

É uma honra com a qual jamais sonhei.

AMA

Honra! Se não tivesses tido apenas uma ama, afirmaria que, com o leite, tinhas mamado juízo.

SENHORA CAPULETO

Pois estamos na época de pensar em casamento. Mais jovens do que vós, aqui em Verona, senhoras de respeito, já são mães. Se não me engano, vossa mãe tornei-me com a mesma idade em que ainda sois donzela. Para ser breve: o valoroso Páris requesta vosso amor.

AMA

Que homem, menina! Um homem desses... Não... Em todo o mundo... Só feito de encomenda.

SENHORA CAPULETO

A primavera de Verona não tem mais bela flor.

AMA

Sim, uma flor! A verdadeira flor.

SENHORA CAPULETO

Que dizeis? Sois capaz de amar o jovem? Hoje à noite vê-lo-eis em nossa festa. Folheai o livro de seu jovem rosto, que nele encontrareis

doces encantos escritos pela pena da beleza. Examinai-lhe os traços delicados e vede como se acham bem casados. E se no livro achardes algo obscuro, encontrareis nos olhos o esconjuro. Esse manual de amor só necessita de uma capa adequada e bem bonita. Vive no mar o peixe; é muito certo que deva o amor ficar algo encoberto. As letras de ouro da lombada a glória terão em parte da formosa história. Ficareis, pois, com ele associada sem que vos diminuais, com isso, em nada.

AMA

Oh! não diminuirá. Pelo contrário; as mulheres com os homens sempre aumentam.

SENHORA CAPULETO

Enfim, que me dizeis do amor de Páris?

JULIETA

Vou ver se prendo nele os meus olhares. Mas a vista chegar além não há de do que me consentir vossa vontade.

*(Entra um criado)*

CRIADO

Senhora, os hóspedes já chegaram; a comida está na mesa; estais sendo procurada; reclamam a presença da senhorita; na copa amaldiçoam a ama. Tudo está de pernas para o ar. Tenho de voltar para servir. Por obséquio, vinde logo, vinde logo.

SENHORA CAPULETO

Já te sigo. Julieta, o conde espera.

AMA

Belas noites te almejo; sou sincera.

*(Saem)*

#### CENA IV

*O mesmo Uma rua. Entram Romeu, Mercúcio, Benvólio, com cinco ou seis mascarados, portadores de tochas e outras pessoas.*

ROMEU

Por escusas faremos um discurso, ou entramos sem nenhuma apologia?

BENVÓLIO

Muito falar destoa deste dia. Não precisamos hoje de Cupido com venda sobre os olhos e arco tártaro de ripa multicolor, que infunde medo, como espantalho o faz, no mulhierio. Não; nem também de prólogo matado, que o ponto diz antes de nossa entrada. Que nos tomem por quem melhor acharem; mediremos com todos alguns passos e, após, saímos.

ROMEU

Dai-me uma das tochas; não me acho hoje disposto para saltos. Estando enfarruscado, aclaro a estrada.

MERCÚCIO

Não; tereis de dançar, gentil Romeu.

ROMEU

Não; podeis crer-me: tendes sapatinhos de sola leve, própria para dança. Eu, tenho alma de chumbo que, prendendo-me à terra, não me deixa dar um passo.

MERCÚCIO

Sois um apaixonado. Por empréstimo tomai as lestes asas de Cupido, que heis de pairar por sobre a mediania.

ROMEU

Tão traspassado estou por suas setas que suas lestes asas não conseguem transportar-me para o alto: tão peado, que não posso deixar a dor obscura, sob o fardo do amor gemendo sempre.

MERCÚCIO

Mas para estar sob ele, é necessário que carregueis o amor, peso excessivo para coisa tão terna.

ROMEU

Coisa terna julgais que seja o amor? Não; muito dura: dura e brutal, e fere como espinho.

MERCÚCIO

Se o amor convosco é duro, sede duro também com ele, revidando todas as pancadas que der. Ponde-o no chão. Dai-me uma cobertura para o rosto. Em cima de uma máscara ponho outra. Que me importa que o olhar curioso possa perceber a feiura? Por mim hão de corar estas salientes sobrancelhas.

BENVÓLIO

Vamos bater e entrar e, uma vez dentro, que bom uso das pernas todos façam.

ROMEU

Dai-me uma tocha; que esses rapazolas de leve coração cócegas façam com os sapatos nos juncos insensíveis. Já meu avô dizia sentencioso: seguro a luz e fico a observar tudo. Fora, muita algazarra; eu, triste e mudo.

MERCÚCIO

Mudo é o rato no charco, diz o guarda. Se mudo te tornares, arrancamos-te do charco — com licença! — de Cupido, onde estás enterrado até às orelhas. Sigamos, que isto é acender luz de dia.

ROMEU

Não, não é isso.

MERCÚCIO

Minha alegoria, senhor, indica que, como de dia, gastamos nossa luz inutilmente. Conservai esse dito sempre em mente, que mais saber contém do que, reunidos, todos os nossos cinco ou seis sentidos.

ROMEU

Sim, é o que faço nesta mascarada; mas é absurdo.

MERCÚCIO

Por que não vos agrada?

ROMEU

Tive um sonho esta noite.

MERCÚCIO

Oh! eu também.

ROMEU

Sobre quê?

MERCÚCIO

Sonho algum verdade tem.

ROMEU

Quando dormimos, tudo neles cabe.

MERCÚCIO

Oh! Visitou-vos a Rainha Mab.

BENVÓLIO

Quem é a Rainha Mab?

MERCÚCIO

É a parteira das fadas, que o tamanho não chega a ter de uma preciosa pedra no dedo indicador de alta pessoa. Viaja sempre puxada por parelha da pequeninos átomos, que pousam de través no nariz dos que dormitam. As longas pernas das aranhas servem-lhe de raios para as rodas; é a capota de asa de gafanhotos; os tirantes, das teias mais sutis; o colarzinho, de úmidos raios do luar prateado. O cabo do chicote é um pé de grilo; o próprio açoite, simples filamento. De cocheiro lhe serve um mosquitinho de casaco

cinzento, que não chega nem à metade do pequeno bicho que nos dedos costuma arredondar-se das criadas preguiçosas. O carrinho de casca de avelã vazia, feito foi pelo esquilo ou pelo mestre verme, que desde tempo imemorial o posto mantém de fabricante de carruagens para todas as fadas. Assim posta, noite após noite ela galopa pelo cérebro dos amantes que, então, sonham com coisas amorosas; pelos joelhos dos cortesãos, que com salamaleques a sonhar passam logo; pelos dedos dos advogados, que a sonhar começam com honorários; pelos belos lábios das jovens, que com beijos logo sonham, lábios que Mab, às vezes, irritada, deixa cheios de pústulas, por vê-los com o hálito estragado por confeitos. Por cima do nariz de um palaciano por vezes ela corre, farejando logo ele, em sonhos, um processo gordo. Com o rabinho enrolado de um pequeno leitão de dízimo, ela faz coceiras no nariz do vigário adormecido, que logo sonha com mais um presente. Na nuca de um soldado ela galopa, sonhando este com cortes de pescoço, ciladas, brechas, lâminas de Espanha e copázios bebidos à saúde, de cinco braças de alto. De repente, porém, estoura pelo ouvido dele, que estremece e desperta e, aterrorado, reza uma ou duas vezes e, de novo, põe-se a dormir. É a mesma Rainha Mab que a crina dos cavalos enredada deixa de noite e a cabeleira grácil dos elfos muda em sórdida melena que, destrançada, augura maus eventos. Essa é a bruxa que, estando as raparigas de costas, faz pressão no peito delas, ensinando-as, assim, como mulheres, a aguentar todo o peso dos maridos. É ela, ainda...

ROMEU

Paz, Mercúcio! Paz!

MERCÚCIO

Sim, só falo de sonhos, prole ociosa de um cérebro vadio, a qual de nada provém senão da inútil fantasia, que é tão firme como o ar, mais inconstante do que o vento que faz a corte ao frio seio do norte e, sendo repellido, volta de lá bufando e o rosto vira para o sul orvalhoso.

BENVÓLIO

Pois o vento de que falais nos toca para longe de nós próprios. A ceia está acabada; chegamos muito tarde.

ROMEU

Oh! muito cedo, tenho receio. Apreende meu espírito algo que ainda pende das estrelas e que vai iniciar seu fatal curso na festa desta noite, pondo termo à vida desprezível que eu carrego no peito, com qualquer delito absurdo de morte extemporânea. Mas Aquele que se acha no timão de minha viagem vai dirigir-me a vela. Adiante, amigos

BENVÓLIO

Tocai, tambor!

*(Saem)*

## CENA V

*O mesmo. Um salão em casa de Capuleto. Músicos esperam. Entram criados.*

PRIMEIRO CRIADO

Onde está o Caçarola, que não vem ajudar a tirar a mesa? Aquele troca-pratos! Olá, Raspa-pratos!

SEGUNDO CRIADO

Retira esses tamboretas, arrasta o aparador. Cuidado com a baixela! Amigo, separa para mim um pedaço de massapão. E se me tens amizade, diz ao porteiro que deixe entrar Nell e Susana Grindstone. Antônio! Caçarola!

TERCEIRO CRIADO

Aqui, rapaz! Estamos prontos.

PRIMEIRO CRIADO

Estão vos chamando, estão vos procurando, reclamam vossa presença na sala grande.

### TERCEIRO CRIADO

Não podemos estar aqui e lá ao mesmo tempo.

### SEGUNDO CRIADO

Alegria, rapazes! Ficai lépidos pelo menos uma vez na vida. Quem viver mais tempo, ficará com tudo.

*(Afastam-se para o fundo. Entram Capuleto, Julieta e outras pessoas da casa, que se encontram com hóspedes e mascarados)*

### CAPULETO

Cavalheiros, bem-vindos. As senhoras que não sofrerem no dedão de calos hão de dançar convosco. Olá, senhoras! Qual de vós há de agora recusar-se a dar uma voltinha? A que mimosa se mostrar por demais, faço uma aposta em como terá calos. Como! Agora ficamos juntos? Sede aqui bem-vindos, meus senhores! Já vi também os dias em que punha uma máscara e sabia cochichar uma ou duas palavrinhas nuns ouvidos bonitos. E agradavam! Mas já lá vai o tempo... Tudo passa. Sois bem-vindos, senhores. Vinde, músicos! Tocai logo! Licença! Abri caminho... Com licença! Meninas, ligeireza! *(Música e dança)* Mais luz, marotos! Arrastai as mesas e apagai esse fogo, que está muito quente aqui dentro. Ah! essas brincadeiras inesperadas chegam sempre a tempo. Sim, sentai-vos, sentai-vos, caro primo Capuleto; nós dois já não estamos na idade de dançar. Há quanto tempo deixamos de pôr máscara?

### SEGUNDO CAPULETO

Trinta anos, pela Virgem; trinta anos.

### CAPULETO

Como, primo! Não, não faz tanto tempo; é muita coisa. Foi desde o casamento de Lucêncio. Venha quando quiser o Pentecostes, serão vinte e cinco anos..... Nós, de máscara...

### SEGUNDO CAPULETO

Muito mais! Muito mais! O filho dele, senhor, tem mais idade; tem trinta anos.

CAPULETO

Que dizeis! Pois se esse filho dele há uns dois anos maior não era ainda!

ROMEU

Que dama é aquela que enriquece o braço daquele cavalheiro?

CRIADO

Desconheço-a, meu senhor.

ROMEU

Oh! ela ensina a tocha a ser luzente. Dir-se-ia que da face está pendente da noite, tal qual joia mui preciosa da orelha de uma etíope mimosa. Bela demais para o uso, muito cara para a vida terrena. Como clara pomba ao lado de gralhas tagarelas, anda no meio das demais donzelas. Vou procurá-la, ao terminar a dança porque a esta rude mão possa dar ansa de tocar nela e, assim, ficar bendita. Meu coração, até hoje, teve a dita de conhecer o amor? Oh! que simplesza! Nunca soube até agora o que é beleza.

TEBALDO

Pela voz este aqui é algum Montecchio. Rapaz, vai buscar logo minha espada. Como! Esse escravo atreve-se a, com máscara grotesca, vir aqui, para de nossa festividade rir e fazer pouco? Pela honra do meu sangue e nobre estado, dar-lhe a morte não julgo ser pecado.

CAPULETO

Que tens, sobrinho? Que se dá contigo?

TEBALDO

Tio, aquele é um Montecchio, nosso inimigo; um vilão que aqui entrou por zombaria, para nos estragar toda a alegria.

CAPULETO

Não é o jovem Romeu?

TEBALDO

O mesmo, o biltre Romeu.

CAPULETO

Gentil sobrinho, fica quieto; deixa-o tranquilo. Ele se tem mostrado perfeito gentil-homem. Para ser-te franco, Verona tem orgulho dele, como rapaz virtuoso e mui polido. Nem por toda a riqueza da cidade quisera que ele aqui fosse ofendido. Acalma-te, portanto, e fica alegre; essa é a minha vontade. Se a acatares, fica alegre e desfaz essa carranca que não vai bem com nossa alacridade.

TEBALDO

Vai, sim, quando um vilão se mete nela. Não o suporto.

CAPULETO

Terás de suportá-lo. Como, rapaz! Estou mandando: deixa-o! Quem manda aqui, acaso; vós ou eu? Ora, não o suportais! Deus me salve a alma. Quereis fazer barulho entre meus hóspedes? Provocar briga? Ser mandão na festa?

TEBALDO

Mas, tio, é vergonhoso...

CAPULETO

Ide, ide. Sois petulante, não? Prejudicar-vos ainda pode esta história. Sei de tudo. Procurais contrariar-me? Eis o momento. — Muito bem, corações! — Sois um fedelho. Ide acalmar-vos — Luz! Mais luz! — Que opróbrio! Já vou deixar-vos quieto. — Assim, meus caros! Alegria! Alegria!

TEBALDO

A paciência e o furor, equilibrados, inativos me deixam com seus brados. Vou sair; mas o intruso que hoje é mel, será amanhã o mais amargo fel. (*Sai*)

ROMEU (*a Julieta*)

Se minha mão profana o relicário em remissão aceito a penitência:  
meu lábio, peregrino solitário, demonstrará, com sobra, reverência.

JULIETA

Ofendeis vossa mão, bom peregrino, que se mostrou devota e  
reverente. Nas mãos dos santos pega o paladino. Esse é o beijo mais  
santo e conveniente.

ROMEU

Os santos e os devotos não têm boca?

JULIETA

Sim, peregrino, só para orações.

ROMEU

Deixai, então, ó santa! que esta boca mostre o caminho certo aos  
corações.

JULIETA

Sem se mexer, o santo exalça o voto.

ROMEU

Então fica quietinha: eis o devoto. Em tua boca me limpo dos  
pecados. (*Beija-a*)

JULIETA

Que passaram, assim, para meus lábios.

ROMEU

Pecados meus? Oh! Quero-os retornados. Devolve-mos.

JULIETA

Beijais tal qual os sábios.

AMA

Vossa mãe quer falar-vos, senhorita.

ROMEU

Quem é a mãe dela?

AMA

Ora essa, cavalheiro! A dona desta casa, certamente, uma digna senhora, honesta e sábia. Amamentei-lhe a filha, a senhorita com que falastes. E uma coisa eu digo, com certeza: quem vier a desposá-la, ficará cheio de ouro.

ROMEU

É Capuleto? Oh conta cara! Minha vida é dívida de hoje em diante no livro do inimigo.

BENVÓLIO

A festa já acabou; vamos embora.

ROMEU

Acabou? Para mim começa agora.

CAPULETO

Não, cavalheiros, não saiais tão cedo; ainda teremos uma ceiazinha. Mas partis mesmo? A todos, obrigado. Muito obrigado, honesto cavalheiro. Boa noite. — Trazei-me aqui mais tochas! Sendo assim, vou deitar-me. É certo, amigo: já está ficando tarde. Vou deitar-me.

*(Saem todos, com exceção de Julieta e a ama)*

JULIETA

Ama, quem é aquele gentil-homem?

AMA

Herdeiro e filho de Tibério, o velho.

JULIETA

E aquele que ora passa pela porta?

AMA

Se não me engano, é o filho de Petrucchio.

JULIETA

E aquele que ali vai, que não dançou?

AMA

Não sei quem seja.

JULIETA

Então vai perguntar-lhe como se chama. Vai! Se for casado, um túmulo será todo o meu fado.

AMA

Romeu é o nome dele; é um dos Montecchios, filho único do vosso grande inimigo.

JULIETA

Como do amor a inimizade me arde! Desconhecido e asnado muito tarde. Como esse monstro, o amor, brinca comigo: apaixonada verme do inimigo!

AMA

Como assim? Como assim?

JULIETA

Isso é uma rima que aprender fui com quem dancei há pouco.

AMA

Já vamos! Um momento! — Está na hora; já se foram os hóspedes embora.

*(Saem)*

## PRÓLOGO

*Entra o coro.*

### CORO

Moribundo se encontra o antigo afeto, querendo o novo amor ser seu herdeiro; da beldade fatal o externo aspecto frente a Julieta é monstro verdadeiro. Ama Romeu, sendo também amado. Cada um nos olhos do outro acha feitiço; queixa-se ele do inimigo proclamado; na mais pungente dor cria ela viço. Sendo inimigo, acesso junto dela não obtém ele para suas juras; nem ela sabe, como, com cautela, lhe poderá dizer palavras puras. Mas o amor, em tamanha extremidade, sabe fazer da dor felicidade.

## ATO II

### CENA I

*Verona. Um beco junto do muro do jardim de Capuleto. Entra Romeu.*

### ROMEU

Como afastar-me, se daqui não pode sair meu coração? Dá meia-volta, pesada argila, e o centro teu procura.

*(Escala o muro e salta para o jardim. Entram Benvólio e Mercúcio)*

### BENVÓLIO

Romeu! Primo Romeu!

### MERCÚCIO

Ele é prudente, por minha fé, e soube achar a estrada para o leito macio.

### BENVÓLIO

Em disparada veio até aqui, tendo pulado o muro que dá para o jardim. Chama-o, Mercúcio.

MERCÚCIO

Vou conjurá-lo, sim. Romeu! Capricho! paixão! sujeito louco! enamorado! Vem sob a forma de um gemido fundo; dize uma rima só, que isso me basta. Geme “ai!” e rima “amor” com “trovador”, dize à comadre Vênus algo belo; o filho cego e herdeiro dela insulta, Cupido, o moço archeiro que um disparo fez tão airoso, quando o Rei Cofétua se apaixonou de uma mendiga jovem. Não ouve, não se mexe, está parado. O macaco está morto. Vou fazer-lhe um conjuro mais forte. Eu te conjuro pelos olhos sem par de Rosalina, por sua frente, os lábios escarlates, os delicados pés, as belas pernas, as tremulantes coxas e os domínios adjacentes. Conjuro-te, repito, que, tal como és, em nossa frente surjas.

BENVÓLIO

Se ele te ouve, decerto vais magoá-lo.

MERCÚCIO

Não, isso não o magoa. O que o magoara fora invocar no círculo da amada um espírito estranho e ai deixá-lo até que ela o tivesse exorcismado. Isso sim, poderia aborrecê-lo; mas minha invocação é bela e honesta; o nome digo de sua própria amada, só para que ele possa reanimar-se.

BENVÓLIO

Vamos; ele ocultou-se entre essas árvores, para perto ficar da úmida noite. Seu cego amor diz bem com a escuridão.

MERCÚCIO

Se o amor é cego, nunca acerta no alvo. Agora vai sentar-se sob a fronde de um nespereiro, a desejar que a amada fosse a fruta que as jovens chamam nêspêra, quando riem sozinhas. Ó Romeu! se ela fosse um “Et cetera”, realmente, bem aberto, e tu, pera açúcarada! Romeu, boa noite! Vou para meu leito de rodas; esta cama de campanha para mim é muito úmida. — Não vamos?

BENVÓLIO

Vamos, então; pois é cansada inútil procurar quem não quer ser encontrado.

## CENA II

*O mesmo. Jardim de Capuleto. Entra Romeu.*

ROMEU

Só ri das cicatrizes quem ferida nunca sofreu no corpo. (*Julieta aparece na janela*) Mas silêncio! Que luz se escoa agora da janela? Será Julieta o sol daquele oriente? Surge, formoso sol, e mata a lua cheia de inveja, que se mostra pálida e doente de tristeza, por ter visto que, como serva, és mais formosa que ela. Deixa, pois, de servi-la; ela é invejosa. Somente os tolos usam sua túnica de vestal, verde e doente; joga-a fora. Eis minha dama. Oh, sim! é o meu amor. Se ela soubesse disso! Ela fala; contudo, não diz nada. Que importa? Com o olhar está falando. Vou responder-lhe. Não; sou muito ousado; não se dirige a mim: duas estrelas do céu, as mais formosas, tendo tido qualquer ocupação, aos olhos dela pediram que brilhassem nas esferas, até que elas voltassem. Que se dera se ficassem lá no alto os olhos dela, e na sua cabeça os dois luzeiros? Suas faces nitentes deixariam corridas as estrelas, como o dia faz com a luz das candeias, e seus olhos tamanha luz no céu espalhariam, que os pássaros, despertados, cantariam. Vede como ela apoia o rosto à mão. Ah! se eu fosse uma luva dessa mão, para poder tocar naquela face!

JULIETA

Ai de mim!

ROMEU

Oh, falou! Fala de novo, anjo brilhante, porque és tão glorioso para esta noite, sobre a minha fronte, como o emissário alado das alturas ser poderia para os olhos brancos e revirados dos mortais atônitos, que, para vê-lo, se reviram, quando montado passa nas ociosas nuvens e veleja no seio do ar sereno.

JULIETA

Romeu, Romeu! Ah! por que és tu Romeu? Renega o pai, despoja-te do nome; ou então, se não quiseres, jura ao menos que amor me tens, porque uma Capuleto deixarei de ser logo.

ROMEU (*à parte*)

Continuo ouvindo-a mais um pouco, ou lhe respondo?

JULIETA

Meu inimigo é apenas o teu nome. Continuarias sendo o que és, se acaso Montecchio tu não fosses. Que é Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo. Sê outro nome. Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob uma outra designação teria igual perfume. Assim Romeu, se não tivesse o nome de Romeu, conservara a tão preciosa perfeição que dele é sem esse título. Romeu, risca teu nome, e, em troca dele, que não é parte alguma de ti mesmo, fica comigo inteira.

ROMEU

Sim, aceito tua palavra. Dá-me o nome apenas de amor, que ficarei rebatizado. De agora em diante não serei Romeu.

JULIETA

Quem és tu que, encoberto pela noite, entras em meu segredo?

ROMEU

Por um nome não sei como dizer-te quem eu seja. Meu nome, cara santa, me é odioso, por ser teu inimigo; se o tivesse diante de mim, escrito, o rasgaria.

JULIETA

Minhas orelhas ainda não beberam cem palavras sequer de tua boca, mas reconheço o tom. Não és Romeu, um dos Montecchios?

ROMEU

Não, bela menina; nem um nem outro, se isso te desgosta.

JULIETA

Dize-me como entraste e porque vieste. Muito alto é o muro do jardim, difícil de escalar, sendo o ponto a própria morte — se quem és atendermos — caso fosses encontrado por um dos meus parentes.

ROMEU

Do amor as lestes asas me fizeram transvoar o muro, pois barreira alguma conseguirá deter do amor o curso, tentando o amor tudo o que o amor realiza. Teus parentes, assim, não poderiam desviar-me do propósito.

JULIETA

No caso de seres visto, poderão matar-te.

ROMEU

Ai! Em teus olhos há maior perigo do que em vinte punhais de teus parentes. Olha-me com doçura, e é quanto basta para deixar-me à prova do ódio deles.

JULIETA

Por nada deste mundo desejara que fosses visto aqui.

ROMEU

A capa tenho da noite para deles ocultar-me. Basta que me ames, e eles que me vejam! Prefiro ter cerceada logo a vida pelo ódio deles, a ter morte longa, faltando o teu amor.

JULIETA

Com quem tomaste informações para até aqui chegares?

ROMEU

Com o amor, que a inquirir me deu coragem; deu-me conselhos e eu lhe emprestei olhos. Não sou piloto; mas se te encontrasses tão longe quanto a praia mais extensa que o mar longínquo banha, aventurara-me para obter tão preciosa mercancia.

JULIETA

Sabe-lo bem: a máscara da noite me cobre agora o rosto; do contrário, um rubor virginal me pintaria, de pronto, as faces, pelo que me ouviste dizer neste momento. Desejara — oh! minto! — retratar-me do que disse. Mas fora! fora com as formalidades! Amas-me? Sei que vais dizer-me “sim”, e creio no que dizes. Se o jurares, porém, talvez te mostres inconstante, pois dos perjúrios dos amantes, dizem, Jove sorri. Ó meu gentil Romeu! Se amas, proclama-o com sinceridade; ou se pensas, acaso, que foi fácil minha conquista, vou tornar-me ríspida, franzir o sobrecenho e dizer “não”, porque me faças novamente a corte. Se não, por nada, nada deste mundo. Belo Montecchio, é certo: estou perdida, louca de amor; daí poder pensares que meu procedimento é assaz leviano; mas podeis crer-me, cavalheiro, que hei de mais fiel mostrar-me do que quantas têm bastante astúcia para serem cautas. Poderia ter sido mais prudente, preciso confessá-lo, se não fosse teres ouvido sem que eu percebesse, minha veraz paixão. Assim, perdoa-me, não imputando à leviandade, nunca, meu abandono pronto, descoberto tão facilmente pela noite escura.

ROMEU

Senhora, juro pela santa lua que acairela de prata as belas frondes de todas estas árvores frutíferas...

JULIETA

Não jures pela lua, essa inconstante, que seu contorno circular altera todos os meses, porque não pareça que teu amor, também, é assim mudável.

ROMEU

Por que devo jurar?

JULIETA

Não jures nada, ou jura, se o quiseres, por ti mesmo, por tua nobre pessoa, que é o objeto de minha idolatria. Assim, te creio.

ROMEU

Se o amor sincero deste coração...

JULIETA

Para! não jures; muito embora sejas toda minha alegria, não me alegre a aliança desta noite; irrefletida foi por demais, precipitada, súbita, tal qual como o relâmpago que deixa de existir antes que dizer possamos: Ei-lo! brilhou! Boa noite, meu querido. Que o hálito do estio amadureça este botão de amor, porque ele possa numa flor transformar-se delicada, quando outra vez nos virmos. Até à vista; boa noite. Possas ter a mesma calma que neste instante se me apossa da alma.

ROMEU

Vais deixar-me sair mal satisfeito?

JULIETA

Que alegria querias esta noite?

ROMEU

Trocar contigo o voto fiel de amor.

JULIETA

Antes que mo pedisses, já to dera; mas desejara ter de dá-lo ainda.

ROMEU

Desejas retirá-lo? Com que intuito, querido amor?

JULIETA

Porque, mais generosa, de novo to ofertasse. No entretanto, não quero nada, afora o que possuo. Minha bondade é como o mar: sem fim, e tão funda quanto ele. Posso dar-te sem medida, que muito mais me sobra: ambos são infinitos. (*A ama chama dentro*) Ouço bulha dentro de casa. Adeus, amor! Adeus! — Ama, vou já! — Sê fiel, doce Montecchio. Espera um momentinho; volto logo. (*Retira-se da janela*)

ROMEU

Oh! que noite abençoada! Tenho medo, de um sonho, lisonjeiro em demasia para ser realidade.

*(Julieta torna a aparecer em cima)*

JULIETA

Romeu querido, só três palavrinhas, e boa noite outra vez. Se esse amoroso pendor for sério e honesto, amanhã cedo me envia uma palavra pelo próprio que eu te mandar: em que lugar e quando pretendes realizar a cerimônia, que a teus pés deporei minha ventura, para seguir-te pelo mundo todo como a senhor e esposo.

AMA *(dentro)*

Senhorita!

JULIETA

Já vou! Já vou! — Porém se não for puro teu pensamento, peço-te...

AMA *(dentro)*

Menina!

JULIETA

Já vou! Neste momento! — ...que não sigas com tuas insistências e me deixes entregue à minha dor. Amanhã cedo te mandarei recado por um próprio.

ROMEU

Por minha alma...

JULIETA

Boa noite vezes mil. *(Retira-se)*

ROMEU

Não, má noite, sem tua luz gentil. O amor procura o amor como o estudante que para a escola corre: num instante. Mas, ao se afastar dele, o amor parece que se transforma em colegial refece.

*(Faz menção de retirar-se. Julieta torna a aparecer em cima)*

JULIETA

Psiu! Romeu, psiu! Oh! quem me dera o grito do falcoeiro, porque chamar pudesse esse nobre gavião! O cativoiro tem voz rouca; não pode falar alto, senão eu forçaria a gruta de Eco, deixando ainda mais rouca do que a minha sua voz aérea, à força de cem vezes o nome repetir do meu Romeu.

ROMEU

Minha alma é que me chama pelo nome. Que doce som de prata faz a língua dos amantes à noite, tal qual música langorosa que ouvido atento escuta?

JULIETA

Romeu!

ROMEU

Minha querida?

JULIETA

A que horas, cedo, devo mandar alguém para falar-te?

ROMEU

Às nove horas.

JULIETA

Sem falta. Só parece que até lá são vinte anos. Esqueci-me do que tinha a dizer.

ROMEU

Deixa que eu fique parado aqui, até que te recordes.

JULIETA

Esquecê-lo-ia, só para que sempre ficasses ai parado, recordando-me de como adoro tua companhia.

ROMEU

E eu ficaria, para que esquecesses, deixando de lembrar-me de outra casa que não fosse esta aqui.

JULIETA

É quase dia; desejara que já tivesses ido, não mais longe, porém, do que travessa menina deixa o meigo passarinho, que das mãos ela solta — tal qual pobre prisioneiro na corda bem torcida — para logo puxá-lo novamente pelo fio de seda, tão ciumenta e amorosa é de sua liberdade.

ROMEU

Quisera ser teu passarinho.

JULIETA

O mesmo, querido, eu desejara; mas de tanto te acariciar, podia, até, matar-te. Adeus; calca-me a dor com tanto afã, que boa-noite eu diria até amanhã.

ROMEU

Que aos teus olhos o sono baixe e ao peito. Fosse eu o sono e dormisse desse jeito! Vou procurar meu pai espiritual, para um conselho lhe pedir leal. (*Sai*)

### CENA III

*O mesmo. Cella de frei Lourenço. Entra frei Lourenço com um cesto.*

FREI LOURENÇO

Ri para a noite escura a manhã bela e de riscas as nuvens acairela; como um bêbedo, fuge cambaleante a escuridão, na estrada do levante, deixando atrás o carro do Titã. Antes, porém, que o sol venha a manhã tornar alegre, com seu olho ardente e o orvalho desmanchar da flor pendente, encher vou de sementes perigosas meu paneiro e de flores venenosas. A terra é a mãe e a tumba da natura; ministra a morte e, assim, apresta a cura. Filhos de vária espécie, no seu seio a mamar encontramos, sem receio; uns, por várias virtudes, excelentes; cada um com a sua, todos diferentes. Oh!

é admirável a potente graça que há nas ervas, na flor, na pedra crassa, pois até mesmo o que há de vil na terra algo de bom, influência dela, encerra; nem nada bom existe, que, torcido do uso normal, não se revele infido à própria natureza e nascimento. Até mesmo a alta virtude, num momento, mal aplicada, em vício se transforma, e este, por vezes, ao dever dá a norma. Na corola infantil desta florzinha veneno mora que dá morte asinha. Cheirado, ao corpo todo dá alegria; mas para o coração no mesmo dia, quando dado a beber. Dois reis potentes nas plantas e nos homens oponentes acampamento têm: a atroz cobiça e a graça benfazeja. Se insubmissa se mostra a pior, então vem logo o verme da morte e rói essa plantinha inerme.

*(Entra Romeu)*

ROMEU

Bom dia, meu bom padre.

FREI LOURENÇO

Benedicite! Quem me fala a estas horas? Como! Disse-te algo ruim o coração tão cedo, que te causasse, assim, cuidado ou medo? Nas pálpebras dos velhos o cuidado de guarda sempre está; e onde um soldado desses se encontra, o sono não penetra. Mas cedo ou tarde, em plena noite tetra, quando os membros estende a mocidade despreocupada e livre — bela idade! — domina o sono de ouro. Por tudo isso tua aparência, assim, de pleno viço, nesta hora matutina me assegura que algo escondes de grave na postura. Ou então direi, se acaso em erro estou, que esta noite Romeu não se deitou.

ROMEU

Sim, mas tive um repouso papafina.

FREI LOURENÇO

Ah! Deus que te perdoe; com Rosalina?

ROMEU

Rosalina, bom padre? Que pergunta! Esqueci esse nome e a dor adjunta.

FREI LOURENÇO

És meu bom filho. Então, onde estiveste?

ROMEU

Vou te contar, pois permissão me deste. Fui à casa do nosso grande inimigo, onde ferido fui, para castigo, por quem ferir também. Nosso remédio só nos poderá vir por intermédio de teu auxílio e sacra medicina. Santo homem, não agraves minha sina, porque este meu pedido — observa-o bem — a minha inimiga amparará também.

FREI LOURENÇO

Sê mais claro, meu filho; a confissão por enigmas não chega à absolvição.

ROMEU

Ouve então, sem me teres por faceto, que amo a filha do rico Capuleto. Meu coração é dela; o dela é meu. Tudo está combinado; no apogeu do amor estamos, só faltando, agora, que nos designes o lugar e a hora para o sagrado enlace. Mais de espaço te contarei, sem alterar um traço, onde nos vimos, como nos falamos e de que modo os votos confirmamos. Mas não conclusas que te falo a esmo; desejo que nos cases hoje mesmo.

FREI LOURENÇO

Por São Francisco! Que mudança é essa? Rosalina adorada e tão depressa posta no esquecimento? O coração no amor dos moços nada influi, senão somente os olhos. Ai! Jesus Maria! Quantas ondas salgadas, noite e dia, a postura banharam-te amarela, só pelo amor de Rosalina bela? Quanta água salsa em vão jogada fora por um amor que ele não sente agora! Não desfez ainda o sol, em muitos giros, os vapores, no céu, de teus suspiros. Sinto ainda tuas queixas nos ouvidos. Eis em tua face, aqui, dos tempos idos, uma lágrima ainda não lavada, que origem teve em tua namorada. Se o mesmo ainda és, que só de amor se fina, foi causa de tudo isso Rosalina.

Mudaste tanto? Ouve a sentença amara: cai a mulher, quando o homem não a ampara.

ROMEU

Censuravas o amor a Rosalina.

FREI LOURENÇO

Não o amor, o exagero que se fina.

ROMEU

Disseste que o enterrasse.

FREI LOURENÇO

Não em cova, para aqui fora achar paixão mais nova.

ROMEU

Não me censures, pois a minha amada na afeição não me fica a dever nada, o que com a outra não acontecia.

FREI LOURENÇO

Oh! Explica-se: é que ela bem sabia que o amor era de cor, não soletrava. Mas vem contar-me essa paixão tão brava, meu jovem sonhador. Vem, vem comigo, que nesse lance me terás contigo, pois é possível que tão bela aliança faça mudar esse ódio que não cansa.

ROMEU

Oh! Vamos logo. Estou com muita pressa.

FREI LOURENÇO

Prudência! Quem mais corre mais tropeça.

*(Saem)*

#### CENA IV

*O mesmo. Uma rua. Entram Benvólio e Mercúcio.*

MERCÚCIO

Onde diabo meteu-se esse Romeu? Passou a noite em casa, porventura?

BENVÓLIO

Não na do pai, pois conversei com este.

MERCÚCIO

Oh! é essa mesma Rosalina pálida de coração de pedra que o atormenta, a ponto de deixá-lo quase louco.

BENVÓLIO

Tebaldo, aquele tipo aparentado com o velho Capuleto, enviou uma carta à casa do pai dele.

MERCÚCIO

É um desafio, posso jurar.

BENVÓLIO

Romeu vai responder-lhe.

MERCÚCIO

Qualquer pessoa que saiba escrever, pode responder a uma carta.

BENVÓLIO

Não; ele irá mostrar ao autor da carta como sabe desafiar, quando é desafiado.

MERCÚCIO

Ah! pobre Romeu! Já está morto; apunhalado pelos olhos negros de uma donzela branca; atravessados tem os ouvidos por uma canção de amor; partida a mais secreta cavilha do coração, pela seta sem barbela do archeiro cego. Será o homem apropriado para enfrentar Tebaldo?

BENVÓLIO

Ora, quem é esse Tebaldo?

MERCÚCIO

Não é nenhum príncipe dos gatos, posso afiançar-vos. Oh! é o valente capitão dos salamaleques. Bate-se como cantais uma ária, por música, sem perder os tempos, nem o compasso, nem o tom. Observa suas pausas: uma, duas... A terceira será em vosso peito. Verdadeiro carnicheiro dos botões de seda, um duelista! Um cavalheiro da primeira linha em todas as causas de primeira e segunda categorias. Ah! o imortal “passado!” o “punto reverso!” o ponto “aí!”

BENVÓLIO

O ponto quê?

MERCÚCIO

A peste que carregue esses pelotiqueiros ridículos, que falam cheios de esses e com afetação, esses afinadores de novos tons! “Por Jesus, que lâmina excelente! Que belo rapagão! Que rameira de truz!” Ora, meu velho, não é lamentável que nos vejamos perseguidos por essas moscas estrangeiras, por esses criadores de modas, esses *pardonnez-moi* que se escarrancham tão bem nas últimas maneiras que nem podem sentar-se comodamente em nossos velhos bancos? Oh, e os seus *bien, bien!*...

(*Entra Romeu*)

BENVÓLIO

Mas sem suas milharas, seco como um bacalhau. Ó carne! carne! como estás peixificada! Agora ele só aprecia as consonâncias derramadas por Petrarca. Comparada com sua dama, Laura não era mais do que uma criada de cozinha — com a breca! — mas teve um amante que sabia rimá-la muito bem; Dido, uma lambisgoia; Cleópatra, uma cigana; Helena e Hero, bruxas e prostitutas; Tisbe, uma sujeitinha de olho cinzento, ou coisa parecida, mas destituída de importância. Signior Romeu, bom dia! Aqui tendes uma saudação francesa para vossas bragas francesas. Esta noite passaste-nos uma bela moeda falsa.

ROMEU

Bom dia para ambos. Que moeda falsa vos passei?

MERCÚCIO

A de vila-diogo, senhor! A de vila-diogo! Não me compreendeis?

ROMEU

Perdão, meu Mercúcio; mas tinha um negócio muito importante em mãos; e num caso desses parece-me lícito forçar um pouco a cortesia.

MERCÚCIO

O que equivale a dizer que num caso como o vosso somos forçados a dobrar a perna.

ROMEU

Sim, por cortesia.

MERCÚCIO

Acertastes com muita galantaria.

ROMEU

É uma exposição muito cortês.

MERCÚCIO

É que eu sou um legítimo alfinete da cortesia.

ROMEU

És um alfinete de flor.

MERCÚCIO

Perfeitamente.

ROMEU

Só assim eu ficaria com os sapatos floridos.

MERCÚCIO

Muito espirituoso. Continua com a pilhéria, até gastares os sapatos, porque quando sua única sola estiver gasta, ficará também sozinha a tua pilhéria singular.

ROMEU

Isso é que se chama pilhéria de sola fina, e apenas espirituosa por ser isso mesmo.

MERCÚCIO

Corre em meu auxílio, bondoso Benvólio, que sinto o espírito desfalecer.

ROMEU

Chicote e espora nele! Chicote e espora nele! Caso contrário, cantarei vitória.

MERCÚCIO

É natural; se o teu espírito tomar parte na corrida de pato, dou-me antecipadamente por vencido, por teres mais de pato-selvagem em um só dos teus espíritos, do que eu — tenho certeza — em todos cinco. Mas estive lá contigo por causa de algum pato?

ROMEU

Nunca estiveste comigo que não fosse por causa de alguma pata.

MERCÚCIO

Só por essa brincadeira vou morder-te a ponta da orelha.

ROMEU

Não, bondoso pato, não me mordas.

MERCÚCIO

Teu espírito é uma verdadeira maçã agri-doce; possui caldo bem picante.

ROMEU

E não irá bem com uma patinha doce?

MERCÚCIO

É espírito de pele de cabrito, que, espichado, vai de uma polegada à largura de um côvado.

ROMEU

Pois vou espichá-lo ainda mais, só por causa dessa largura, que acrescentada ao patinho, prova que não passas de um pato largo.

MERCÚCIO

E não será melhor ser isso do que andar a suspirar de amor? Mas agora, sim, revelas-te sociável. Agora, sim: és homem; agora és o que és, por arte e natureza. Por que esse teu amor disparatado é tal qual um grande idiota que corre a cambalear por aí tudo, para, no fim, esconder sua bugiaria em qualquer buraco.

BENVÓLIO

Para aí! Para aí!

MERCÚCIO

Queres que eu corte a minha história e a deixe cotó?

BENVÓLIO

Sim, que do contrário ficaria de rabo muito comprido.

MERCÚCIO

Oh! estás enganado; ficaria curto, pois eu já havia atingido o fundo da história, não tencionando prosseguir no argumento.

ROMEU

Eis aqui um assunto retesado.

*(Entram a ama e Pedro)*

MERCÚCIO

Uma vela! Uma vela!

BENVÓLIO

Duas! duas! Uma camisa e um casaco.

AMA

Pedro!

PEDRO

Que mandais?

AMA

Meu leque, Pedro.

MERCÚCIO

Sim, Pedrinho, para esconder o rosto; por que dos dois, o leque ainda é o mais passável.

AMA

Deus vos dê bom dia, cavalheiros.

MERCÚCIO

E para vós, boa tarde, bela dama.

AMA

Já é boa tarde?

MERCÚCIO

Não será menos, é o que vos digo, porque a mão obscena do mostrador segura neste momento o ponteiro do meio-dia.

AMA

Ficai longe da minha vista! Que espécie de homem sois?

ROMEU

Um homem, nobre dama, que Deus fez para que ele próprio se estragasse.

AMA

Por minha fé, muito bem dito: “Para que ele próprio se estragasse!” Cavalheiros, algum dos senhores poderá dizer-me onde eu poderei encontrar o jovem Romeu?

ROMEU

Eu posso; mas no instante em que encontrardes o jovem Romeu, ele estará mais velho do que quando o procuráveis. Sou eu o mais moço desse nome, em falta de outro pior.

AMA

Dizeis bem.

MERCÚCIO

Como! O pior, então, está bem? Bem apanhado, de fato. Com argúcia, com muita argúcia.

AMA

Se sois ele mesmo, senhor, desejara ter convosco uma conversa particular.

BENVÓLIO

Deve ser convite para alguma ceia.

MERCÚCIO

Uma alcoviteira, uma alcoviteira, oh! oh!

ROMEU

Que estás farejando nisso?

MERCÚCIO

Não será uma lebre, senhor; a menos que seja alguma lebre de pastel de quaresmas já meio passada e embolorada, antes mesmo de ser comida. (*Canta*) Uma lebre embolorada, uma lebre embolorada na quaresma é um bom petisco. Porém lebre embolorada vale menos do que nada quando cria muito cisco. Romeu, não ides à casa de vosso pai? Vamos jantar lá.

ROMEU

Já vos sigo.

MERCÚCIO

Adeus, antiga dama; adeus. (*Canta*) Dama, dama, dama...

(*Saem Mercúcio e Benvólio*)

AMA

Sim, adeus. Por obséquio, senhor: quem é esse tipo desavergonhado, que só traz velhacarias na cabeça?

ROMEU

É um cavalheiro, ama, que tem prazer em ouvir a própria voz e que em um minuto prometerá mais coisas do que possa realizar em um mês.

AMA

Mas se ele disser algo contra minha pessoa, eu o demolirei, ainda que seja mais forte do que parece, e vinte bobos como ele. E se não puder fazê-lo, saberei encontrar quem o faça por mim. Piolhento! Não sou nenhuma aloucada; não sou dessas doudivanas. (*A Pedro*) E tu, estás aí e permites que qualquer velhaco faça de mim o que bem entender?

PEDRO

Nunca vi ninguém fazer de vós o que bem entendesse; que, se o visse, minha espada teria saltado logo da bainha, posso asseverar-vos. Saco da espada com tanta rapidez como qualquer pessoa, sempre que topo com uma boa briga e tenho a lei de meu lado.

AMA

Agora, diante de Deus, fiquei de tal modo colérica, que sinto todo o corpo tremer. Sujeito à-toa! Uma palavra, senhor, por obséquio. Como já vos disse, minha jovem senhora mandou que vos procurasse. O que ela me ordenou que vos dissesse, guardarei

dentro de mim. Mas primeiro permiti que vos diga que se pretendes levá-la para o paraíso dos loucos, como se diz, seria um péssimo procedimento, por assim dizer. Porque a senhorita é jovem, e se fizerdes com ela jogo duplo, realmente, será coisa muito má, para ser feita com uma nobre senhorita, ação muito censurável.

ROMEU

Ama, recomenda-me à tua senhora. Juro-te...

AMA

Oh! que lindeza! Realmente, vou dizer-lhe isso mesmo. Oh Senhor! como ela vai ficar contente!

ROMEU

Mas que é que irás dizer-lhe, ama, se nem ouves o que eu falo?

AMA

Dir-lhe-ei, senhor, que jurastes, o que me parece ser uma promessa de gentil-homem.

ROMEU

Dize-lhe que procure pretexto de hoje à tarde ir confessar-se, que na cela de frei Lourenço ela há de confessar-se e casar. Agora aceita isto pelo trabalho.

AMA

Não, em verdade, senhor; nem uma moedinha.

ROMEU

Vamos, aceita; estou dizendo.

AMA

Esta tarde, senhor. Bem; estará lá.

ROMEU

Boa mulher, espera um pouco. Dentro de uma hora, atrás do muro da abadia irás ver meu criado com uma escada de cordas, que há de

me levar ao pico do mastaréu de minha grande dita, na calada da noite. Adeus. Conserva-te fiel que eu saberei recompensar-te. Dá recomendações à senhorita.

AMA

Agora, que Deus do céu te abençoe. Escutai, senhor.

ROMEU

Que disseste, querida ama?

AMA

Poderemos confiar em vosso criado? Pois bem sabeis: dois guardarão segredo, quando um nada souber de todo o enredo.

ROMEU

Posso asseverar-te que o meu homem é tão firme quanto o aço.

AMA

Muito bem, senhor; minha ama é uma senhora muito gentil. Ah, senhor! senhor! Quando ela ainda era uma coisinha tagarela... Oh! na cidade há um nobre, um tal Páris, que de muito bom grado lançaria o seu arpão para abordá-la. Mas aquele coraçãozinho prefere ver um sapo, um sapo de verdade, a olhar para ele. Às vezes eu a deixo irritada com dizer-lhe que não há moço tão bonito quanto Páris. Mas, posso asseverar-vos que sempre que eu digo isso ela se torna tão pálida como qualquer cueiro no mundo universal. Rosmaninho e Romeu não começam pela mesma letra?

ROMEU

Sim, ama. Mas por que isso? Ambos começam por R.

AMA

Isso é rosnado de cão. R é para... Não; sei muito bem que começam por outra letra, tendo ela composto sobre vós e o rosnado as mais lindas sentenças que teríeis muito gosto em ouvir.

ROMEU

Recomenda-me à tua senhora.

AMA

Pois não; mil vezes. (*Sai Romeu*) Pedro!

PEDRO

Que ordenais?

AMA

Pedro, segura meu leque e vai na frente

(*Saem*)

## CENA V

*O mesmo. Jardim de Capuleto. (Entra Julieta).*

JULIETA

Nove horas o relógio tinha soado, quando eu mandei a ama. Prometeu-me que voltaria dentro de meia hora. Talvez não o encontrasse... Oh! ela é coxa. Como arautos do amor só deveriam servir os pensamentos, que mais céleres dez vezes são que os raios do sol claro, quando as sombras expulsam das colinas. É por isso que o amor sempre é levado por alígeras pombas, e Cupido, como o vento veloz, tem asas lestes. Agora o sol está na altura máxima de seu curso diurno; há das nove horas até às doze três horas demoradas. No entanto, ela não chega. Se dotada fosse ela de paixões e sangue moço, correria veloz como uma bala; minhas palavras a teriam feito lançar-se contra o meu amor, e as dele para mim a jogara. Mas gente velha nunca chega ao porto; é chumbo escuro e lerdo, quase morto. (*Entram a ama e Pedro*) Oh Deus! ei-la, afinal! Que novidades me trouxeste, doce ama? Acaso o viste? Manda embora teu criado.

AMA

Pedro, espera lá fora.

*(Sai Pedro)*

JULIETA

Então, mãezinha? Oh Deus! Por que estás triste? Se forem tristes tuas novidades, conta-as alegremente; sendo alegres, não estragues a música, tocando-a com uma cara tão tétrica.

AMA

Deixai-me repousar um momento; estou cansada. Como os ossos me doem! Que corrida!

JULIETA

Quisera que tivesses os meus ossos, e eu, tuas novidades. Vamos; peço-te, boa ama: fala logo.

AMA

Quanta pressa, Jesus! Não podereis esperar nada? Pois então não notais que estou sem fôlego?

JULIETA

Como sem fôlego, se estás com fôlego bastante para me dizer que fôlego não tens para falar? Esse pretexto de tanta dilação é mais comprido do que a história a que serve de desculpa. Tuas notícias são ruins ou boas? Responde-me logo isso, que as minúcias escutarei depois, com mais paciência. Satisfaze-me nisso: más ou boas?

AMA

Bem; fizestes uma escolha muito simples; não sabeis escolher homem. Romeu... Não, ele não! Conquanto ele tenha o rosto mais bonito do que não importa quem for, suas pernas levam vantagem sobre as de todos os homens. Quanto às mãos, pés e o corpo, muito embora nada se tenha a dizer, estão acima de qualquer confronto. Não é a flor da cortesia; mas, posso asseverar-vos, é manso como um cordeiro. Prossegui nesse caminho, menina e continuai servindo a Deus. Como! já jantaram por aqui?

JULIETA

Não, não; mas isso tudo eu já sabia. E sobre o casamento, que disse ele?

AMA

Oh! que dor de cabeça! Que cabeça, senhor, a minha! Como bate! Creio que estalar vai em vinte pedacinhos. E, do outro lado, as costas! Oh! as costas! Oh! que esse coração seja punido por me ter feito procurar a morte, a galopar sem pausa.

JULIETA

Sim, contrista-me saber que não estás bem. Mas, minha doce, doce ama, que te disse meu amor?

AMA

Vosso amor disse, como cavalheiro honesto e cortês, e bondoso, e belo, e — posso assegurar-lo — virtuoso... Onde está vossa mãe?

JULIETA

Onde está minha mãe? Está lá dentro. Onde podia estar? Oh! que resposta! “Vosso amor diz, qual cavalheiro honesto, onde está vossa mãe?”

AMA

Oh Santa Virgem! Por que tamanho ardor? Ide, vos digo; é essa, somente, vossa cataplasma para meus pobres ossos? De hoje em diante, de vossas comissões cuidai vós mesma.

JULIETA

Quantos rodeios! E Romeu, que disse?

AMA

Podeis ir confessar? Tendes licença?

JULIETA

Tenho.

AMA

Não percais tempo, então, e à cela correi de frei Lourenço, onde um marido achareis que vos vai deixar mulher. Ora vos sobe ao rosto o sangue lúbrico; a qualquer nova, torna-se escarlata. Correi à igreja, que a outra parte eu tenho de ir depressa, prover-me de uma escada, para que vosso amor consiga o ninho do pássaro alcançar, quando for noite. Besta de carga sou de vossa festa, mas a noite um bom peso vos apresta. Vou jantar. Ide à cela bem contrita.

JULIETA

Adeus, querida; é para minha dita.

*(Saem)*

## CENA VI

*O mesmo. Cela de frei Lourenço. Entram frei Lourenço e Romeu.*

FREI LOURENÇO

Que o céu sorria para este ato santo, sem que horas tristes venham perturbar-nos.

ROMEU

Amém, amém! Porém que venham quantas tristezas vierem, que apagar não podem a troca de alegria que sua vista num minuto me dá. Basta que as mãos nos juntes com palavras consagradas; e que a morte, depois, que o amor devora, faça o que bem quiser. A mim já chega poder chamar-lhe minha.

FREI LOURENÇO

Essas violentas alegrias têm fim também violento, falecendo no triunfo, como a pólvora e o fogo, que num beijo se consomem. O mel mais delicioso é repugnante por sua própria delícia, confundindo com seu sabor o paladar mais ávido. Tem, pois, moderação, que o vagaroso, como o apressado, atrasam-se do pouso. *(Entra Julieta)* Eis a dama que chega; uns pés tão leves não gastarão jamais a pedra eterna. O amante pode andar por sobre as

teias que no ar balouçam, álaque, do estio, sem, contudo, cair; leve é a vaidade.

JULIETA

Para o meu santo confessor, bom dia.

FREI LOURENÇO

Filha, Romeu por nós vai responder-te.

JULIETA

Ele está nisso incluído; do contrário, longo seria quanto ele dissesse.

ROMEU

Ah! Julieta, se cheia como a minha já estiver a medida de teu gozo, e se possúres a arte de enfeitá-lo, o ar ambiente embalsama com teu hálito, deixando que a variada e rica música de tua língua desdobre a grata imagem da ventura que um do outro recebemos neste encontro feliz.

JULIETA

Mais rico o sentimento em conteúdo do que em palavras, sente-se orgulhoso com a própria essência, não com os ornamentos. São só os mendigos que contar conseguem quanto dinheiro têm. Mas a tal ponto meu amor verdadeiro tomou vulto, que a metade, sequer, não me é possível avaliar do que tenho.

FREI LOURENÇO

Vamos, vamos; simplifiquemos o ato. Aqui, sozinhos, não pretendo deixar-vos um momento, sem que a Igreja celebre o casamento.

*(Saem)*

### ATO III

## CENA I

*Verona. Uma praça pública. Entram Mercúcio, Benvólio, pajem e criados.*

BENVÓLIO

Peço-te, bom Mercúcio: retiremo-nos. Quente está o dia; os Capuletos andam pela cidade. Caso os encontrarmos, não poderemos evitar contendas. O sangue ferve nestes dias quentes.

MERCÚCIO

Tu te assemelhas a esses tipos que, mal entram numa taberna, batem com a espada em cima da mesa e gritam: “Queira Deus que eu não venha a ter necessidade de ti!” e que após o efeito do segundo copo, sacam-na contra o taberneiro sem a menor necessidade.

BENVÓLIO

Serei, acaso, um tipo desse gênero?

MERCÚCIO

Vamos, vamos; és tão esquentado como quem mais o for em toda a Itália; muito prontamente raivoso para ser arrebatado.

BENVÓLIO

E a propósito de quê?

MERCÚCIO

Se houvesse mais outro tipo como tu, dentro de pouco tempo não existiria nenhum, porque vos mataríeis mutuamente. És capaz de brigar com um homem por que tem um fio a mais ou a menos na barba do que tu; brigarás com quem estiver quebrando nozes, sem outro motivo além do de teres os olhos cor de nozes. Que olhos, a não serem esses mesmos, seriam capazes de descobrir semelhante briga? Tua cabeça é tão cheia de rixas como de alimento o ovo, se bem que, por causa de brigas, tenha sido batida tantas vezes como clara de ovo. Já brigaste com um homem que tossiu na rua e despertou o teu cão, que dormia ao sol. Pois não tiveste uma rixa com um alfaiate, só por ter ele vestido um casaco novo, antes da Páscoa? E com outro, por ter amarrado os sapatos novos com

cordões usados? Sendo, pois, o que és, pretendes dar-me lições de prudência?

BENVÓLIO

Se eu fosse tão briguento como tu, ninguém compraria os bens alodiais de minha vida, simplesmente por uma hora e um quarto.

MERCÚCIO

Simplesmente? Que simplicidade!

BENVÓLIO

Por minha cabeça, aí vem vindo um Capuleto.

MERCÚCIO

Por meu pé, a mim isso pouco importa.

*(Entram Tebaldo e outros)*

TEBALDO

Ficai perto de mim, pois vou falar-lhe. Cavalheiros, bom dia; uma palavra com qualquer um de vós.

MERCÚCIO

Só uma palavra com um de nós? Acrescentai mais alguma coisa; que seja uma palavra e uma estocada.

TEBALDO

Haveis de encontrar-me disposto para isso, quando me forneceres oportunidade.

MERCÚCIO

Não achais oportunidade, sem que vo-la ofereçam?

TEBALDO

Mercúcio, tu estás concertado com Romeu...

MERCÚCIO

Concertado? Como! Tomas-nos por músicos? Se nos tomares por músicos, prepara-te para ouvir só desarmonias. Aqui está o arco da minha rabeca, que vos fará dançar. A-la-fé! Concertado!

BENVÓLIO

Estamos conversando numa praça bastante frequentada. Retiremo-nos para algum ponto à parte ou ide embora, que sobre nós os olhos estão fixos.

MERCÚCIO

Para ver é que os olhos foram feitos. Que nos vejam. Daqui não dou um passo.

*(Entra Romeu)*

TEBALDO

Ficai em paz, senhores; eis meu homem.

MERCÚCIO

Que me enforquem se ele usa vossa farda. Para o campo segui, que ele irá junto. Nesse sentido, é certo: ele é vosso homem.

TEBALDO

O ódio, Romeu, que me despertas, sabe dizer-te apenas isto: és um vilão.

ROMEU

A razão de te amar, que eu tenho agora, Tebaldo, escusa à saciedade a raiva de uma tal saudação. Não sou o que dizes. Adeus; bem vejo que não me conheces.

TEBALDO

Isso, rapaz, não basta como escusa para quantas injúrias me tens feito. Faze, pois, meia-volta e arranca a espada.

ROMEU

Protesto que jamais te fiz injúria. Tenho-te mais amor do que imaginas, até que saibas o motivo disso. Assim, bom

CAPULETO

Oh nome caro! tão caro quanto o meu — fica contente.

MERCÚCIO

Oh calma submissão, vil e insultuosa! *Alla stoccata!* Decidamos logo.  
(*Saca da espada*) Tebaldo, caçador de rato, queres dar voltazinhas?

TEBALDO

Que desejas?

MERCÚCIO

Nada mais, meu bom rei dos gatos, além de uma das vossas nove vidas, que tomarei a liberdade de tirar, deixando as outras oito para malhar depois, conforme o tratamento que me derdes. Não vos resolveis a puxar vossa espada pela orelha e tirá-la da bainha? Mas ponde pressa nisso, para que a minha não vos atinja as orelhas antes de ficar de fora a vossa.

TEBALDO (*sacando da espada*)

Estou ao vosso dispor.

ROMEU

Gentil Mercúcio, guarda a espada.

MERCÚCIO

Vamos, senhor; vosso passado.

(*Batem-se*)

ROMEU

Benvólio, saca a espada; desarmemo-los. Cavalheiros, que opróbrio! Evitai isso. Oh Mercúcio! Tebaldo! O príncipe proibiu expressamente essas brigas nas ruas de Verona. Tebaldo! Bom Mercúcio!

*(Sai Tebaldo com seus partidários)*

MERCÚCIO

Estou ferido. A peste caia em vossas casas. Morto! E ele não teve nada? Foi embora?

BENVÓLIO

Como! Foste ferido?

MERCÚCIO

Um arranhão, um arranhão somente; mas já chega. Que leve a breca! E o pajem, onde se acha? Patife, vai buscar um cirurgião.

*(Sai o pajem)*

ROMEU

Coragem, homem! O ferimento não deve ser profundo.

MERCÚCIO

Não; não é tão fundo quanto um poço, nem tão largo quanto porta de igreja. Mas é o suficiente e quanto basta. Perguntai por mim amanhã, que haveis de encontrar-me bem quieto. Para este mundo já estou salgado, posso afiançar-vos! Um cão, um rato, um camundongo, um pulha, um biltre, que briga segundo as regras da aritmética! Por que diabo vos metestes entre nós? Fui ferido por baixo de vosso braço.

ROMEU

Eu estava bem-intencionado.

MERCÚCIO

Conduze-me, Benvólio, a alguma casa; senão, desmaio. A peste em vossas casas! De mim fizeram pasto para os vermes. Já tenho a minha parte. Vossas casas!

*(Saem Mercúcio e Benvólio)*

ROMEU

Este fidalgo, próximo parente do príncipe, sincero amigo meu, por mim, tão só, ferido foi de morte. Minha reputação está manchada com o insulto de Tebaldo, esse Tebaldo que meu parente foi durante uma hora. Doce Julieta! Tua formosura fez de mim um maricas; a coragem do aço se abrandava e verga no meu peito.

*(Volta Benvólio)*

BENVÓLIO

Romeu, Romeu, o bom Mercúcio é morto! Foi para as nuvens esse bravo espírito que desprezou tão cedo o pó terreno.

ROMEU

Hoje o fado somente dá o rebate para que o tempo as dores arremate.

*(Volta Tebaldo)*

BENVÓLIO

O furioso Tebaldo está de volta.

ROMEU

Vivo! Em triunfo! E morto o bom Mercúcio? Vai para o céu, brandura respeitosa! Fúria de olhar de fogo, sê meu guia! Tebaldo, ora recebe de retorno o “vilão” que me deste não faz muito, pois a alma de Mercúcio ainda se encontra perto de nossas fontes, aguardando que a tua vá fazer-lhe companhia. Um de nós dois terá, pois, de ir com ele.

TEBALDO

Pobre rapaz, que estavas de seu lado, és tu que vais partir.

ROMEU

Pois decidamos.

*(Batem-se; Tebaldo cai)*

BENVÓLIO

Romeu, fuge depressa! Os cidadãos se amotinaram. Morto está Tebaldo. Não fiques aturdido, pois o príncipe vai condenar-te à morte, se encontrado fores aqui. Despacha-te depressa!

ROMEU

Sou o bobo da fortuna.

BENVÓLIO

Fuge! Ora essa!

*(Sai Romeu)*

PRIMEIRO CIDADÃO

Para onde foi o que matou Mercúcio? O assassino, Tebaldo, onde se encontra?

BENVÓLIO

Tebaldo? Aqui.

PRIMEIRO CIDADÃO

Em nome, então, do príncipe, vos intimo, senhor; vinde comigo.

*(Entra o príncipe, com séquito; Montecchio, Capuleto, suas esposas e outras pessoas)*

PRÍNCIPE

Quem desafiou, assim, o meu castigo?

BENVÓLIO

Dizer-te posso, ó príncipe, a maneira por que teve começo esta cegueira. Pelo jovem Romeu ali se encontra morto o homem que matou o teu parente, nosso bravo Mercúcio.

SENHORA CAPULETO

Como! O primo Tebaldo? O filho do meu caro irmão? Primo, marido, príncipe, no chão vejo o sangue correr de um meu parente. Se veraz fores, príncipe, realmente, sangue desses Montecchios há de, agora, ser também derramado, sem demora. Oh primo! primo!

PRÍNCIPE

Quem deu começo à luta dolorida?

BENVÓLIO

Tebaldo, que Romeu deixou sem vida; Romeu, que lhe falou com termos brandos, com ele instando para que pensasse na ausência de motivo da querela, tendo invocado, até, vosso desgosto, tudo isso com voz doce, olhar tranquilo e ademanes corteses, sem que tréguas conseguisse alcançar da grande cólera do furioso Tebaldo, que com aço pontiagudo visava uma e mais vezes o peito de Mercúcio valoroso. Este, só chamas, ponta opõe a ponta; com desprezo marcial, a fria morte faz afastar com uma das mãos, ao tempo em que com a outra a devolveva célere ao peito de Tebaldo que, habilmente, de retorno lha enviava. Em altas vozes Romeu gritava: “Amigos, separai-vos!” E mais rápido, ainda, que sua língua, seu ágil braço desviava as pontas, entre ambos se interpondo. Mas por baixo do braço dele um golpe malfadado de Tebaldo a existência atinge em cheio do valente Mercúcio. Então Tebaldo se põe em fuga, mas retorna logo para Romeu, que, nesse instante, havia concebido a vingança. Mais velozes que o raio se engalfinham e, assim, antes de eu poder separá-los, cai sem vida o valente Tebaldo, a cuja vista Romeu fugiu. Se nisto houver maldade, vivo Benvólio prosseguir não há de.

SENHORA CAPULETO

Parente é dos Montecchios; bom serviço presta aos seus com mentir-vos em tudo isso. Foi de vinte, no mínimo, a sortida, para tirar apenas uma vida. Justiça, príncipe! e que seja breve: Romeu matou Tebaldo; morrer deve.

PRÍNCIPE

Matou quem a Mercúcio antes matara. Quem paga o preço dessa vida cara?

MONTECCHIO

Príncipe, não Romeu; ele era amigo de Mercúcio; só fez dar o castigo que a própria lei impunha: incontinenti dando a morte a Tebaldo imprevidente.

PRÍNCIPE

Por essa transgressão de nosso édito ficará de Verona já proscrito. Vosso ódio atinge a mim, também, de perto; sangra-me o coração por ele aberto. Mas hei de vos impor a pena dura que minha dor desde hoje vos augura. Surdo serei a escusas e pedidos; nem lágrimas nem preces os ouvidos poderão abalar-me. Assim, com pressa fazei Romeu partir; ordem é expressa. Porque se acaso nisso houver demora, ouvido ele terá sua última hora. Levai o corpo. O excesso de demência causa mortes também, por imprudência.

*(Saem)*

## CENA II

*O mesmo. Jardim de Capuleto. Entra Julieta.*

JULIETA

Correi, correi, corcéis de pés de fogo, para a casa de Febo. Um condutor como Faetonte vos teria há muito tocado para o poente e, na mesma hora, trazido a noite escura. Espalha tua cortina, ó noite, guarda dos amores, porque os olhos curiosos nada vejam e a estes braços Romeu se precipite, de manso e sem ser visto. Os namorados enxergam no ato do amoroso rito, pela própria beleza; ou então, se é cego, de fato, o amor, diz bem com a negra noite. Vem, noite circunspecta, com teu manto de matrona severa, todo preto, e me ensina a perder uma partida que já está ganha e em que se jogam duas virgindades sem mancha. Ao rosto sobe-me o sangue tímido; em teu manto envolve-o, até que o amor esquivo, já se tendo tornado corajoso, só inocência veja no ato do amor sincero e puro.

Vem, noite! Vem, Romeu! tu, noite e dia, pois vais ficar nas asas desta noite mais branco do que neve sobre um corvo. Vem, gentil noite! vem, noite amorosa de escuras sobranceiras! Restitui-me o meu Romeu, e quando, mais adiante, ele vier a morrer, em pedacinhos o corta, como estrelas bem pequenas, e ele a face do céu fará tão bela que apaixonado o mundo vai mostrar-se da morte, sem que o sol esplendoroso continue a cultivar. Comprei a casa de um amor, sem estar na posse dela; vendida embora me ache, possuída não fui ainda. Tão tedioso e lento é este dia, tal como a noite em véspera de alguma grande festa para criança impaciente que tenha roupa nova, mas não possa vesti-la. Oh! aí vem a ama. (*Entra a ama, com cordas*) Traz novidades, sim. Todas as línguas que só sabem dizer Romeu, Romeu, falam com eloquência celestial. Então, ama, que é que há? Que trazes aí? As cordas de Romeu?

AMA

Sim, sim; as cordas. (*Atira-as ao chão*)

JULIETA

Ai de mim! Que acontece? Por que torces as mãos dessa maneira?

AMA

Oh dia! Oh dia! Morreu! morreu! morreu! Oh! dia! Estamos perdidas, senhorita! Sim! perdidas! Mataram-no! Que dia! Está sem vida!

JULIETA

Tão invejoso o céu pode mostrar-se?

AMA

Romeu o pode, embora o céu não possa. Oh Romeu! Oh Romeu! Quem poderia ter pensado em tal coisa?

JULIETA

Por que diabo me atormentas assim? Essa tortura rugida deveria ser no inferno. Suicidou-se Romeu? Basta dizeres “sim” que essa palavrinha mais veneno para mim conterà do que a mirada fatal do

basilisco. Morta me acho, se esse “sim” existir, se já estiverem sem vida os olhos que esse “sim” indicam. Já morreu? Vive? Dize “sim” ou “não”; um som é tudo para o coração.

AMA

Vi a ferida, vi com estes olhos — Deus nos acuda! — em seu valente peito. Pobre cadáver! pobre e ensanguentado; pálido como cinza, recoberto de coágulos de sangue. A esse espetáculo desmaiei.

JULIETA

Coração, então estala! Ide para a prisão, olhos ociosos, porque não mais vereis a liberdade. Argila vil, a morte aqui não erra; que em Romeu e em ti pese a mesma terra.

AMA

Ó Tebaldo, Tebaldo! grande amigo! Ó Tebaldo polido, cavalheiro de grande honestidade! Ter eu vida para morto te ver!

JULIETA

Que tempestade de golpes tão atravessados? Morto foi Romeu e Tebaldo está sem vida? Meu caro primo, meu querido esposo? Então, fatal trombeta, soa o juízo final! Quem poderá ficar com vida, se os dois mortos estão?

AMA

Assassinado foi Tebaldo, e Romeu se acha banido; tendo-o matado, logo foi banido.

JULIETA

Deus! A mão de Romeu derramou o sangue de meu primo Tebaldo?

AMA

Derramou, derramou. Oh! que dia! Derramou.

JULIETA

Oh coração serpente, mascarado com feições de uma flor! Em algum tempo dragão já houve em cova tão formosa? Monstro atraente,

angélico demônio, corvo de belas penas, cordeirinho devorador como o insaciável lobo, substância desprezível de aparência mais que divina, justamente o oposto do que mostravas ser! Santo maldito, muito honrado vilão! Ó natureza, que tinhas a fazer no negro inferno, quando puseste um infernal espírito no mortal paraíso de uma carne tão bela e tão perfeita? Já houve livro de matéria tão vil, que encadernado fosse com tanto esmero? Oh! que a mentira tenha morada num palácio desses!

AMA

Nos homens não há fé, não há confiança, nenhuma honestidade. Todos eles são mentirosos, falsos e perjuros. Não valem nada. Onde está meu criado? Deem-me *aqua vitae*. Todas estas dores, estas tristezas me deixaram velha. Caia o opróbrio em Romeu!

JULIETA

Que tua língua de pústulas se cubra, por haveres formulado esse voto! Para o opróbrio não nasceu ele. Sobre sua fronte o opróbrio se envergonha de sentar-se, pois é trono em que pode ser coroada a honra como monarca incontestável da terra universal. Oh! fui autêntico animal, por haver falado dele.

AMA

Elogiais quem matou vosso parente?

JULIETA

Poderei falar mal de meu marido? Ah! meu pobre senhor, que língua pode teu nome acariciar, se eu, há três horas apenas, tua esposa, o mutilei? Mas por que deste a morte, miserável, a meu primo? É que o primo miserável teria dado a morte a meu marido. Voltai, lágrimas tolas, para vossa fonte de origem; à tristeza são devidas as gotas tributárias que por engano ofereceis ao riso. Vivo está meu esposo, que Tebaldo desejava matar; morto, Tebaldo, que teria matado meu marido. Isso consola. Então, por que chorar? Mas há uma palavra pior ainda que a morte de Tebaldo e que me mata. Desejara esquecê-la; mas, oh dor! pesa-me na memória: "Assassinado foi Tebaldo e Romeu se acha banido!" Essa palavra só,

esse “banido”, matou dez mil Tebaldos. Essa morte de Tebaldo já fora dor bastante, se terminasse aí. Ou, ainda mesmo que a dor amarga amasse a companhia, e acompanhada se fizesse sempre de outras desgraças, por que causa, quando ela disse: “Tebaldo está sem vida”, não se seguiu, também: “teu pai foi morto”, ou “tua mãe”, ou ambos, sim, que fora razão de sobra para as ordinárias lamentações? Mas vindo a retaguarda da morte de Tebaldo com este título: “Romeu banido foi”, não há limite, medida, fim, nem termo para a morte dessa palavra. Tudo está sem norte. Meus pais, ama, onde estão?

AMA

A morte fria de Tebaldo lastimam neste dia. Quereis ir vê-los? Posso conduzir-vos.

JULIETA

Eles lavam com lágrimas doridas o corpo de Tebaldo. Mais sentidas as minhas correrão neste momento para chorar do amor o banimento. Junta estas cordas. Ai! fostes logradas, assim como eu, ó cordas malfadadas! porque Romeu agora está no exílio. Ele contava com o vosso auxílio para chegar até meu virgem leito; mas viúva vai achar-me, deste jeito. Vem, ama; traze as cordas, pois à morte, não a Romeu, me liga a triste sorte.

AMA

Recolhei-vos a vossos aposentos. Hei de encontrar Romeu, para trazer-vos algum consolo. Sei onde se encontra. Ficai certa de tê-lo aqui esta noite. Vou buscá-lo já já. Está escondido na cela de Lourenço.

JULIETA

Oh! traze-o logo! Dá-lhe este anel e dize ao meu amado que me venha trazer o último adeus.

(*Saem*)

### CENA III

*O mesmo. Cella de frei Lourenço. Entra frei Lourenço.*

FREI LOURENÇO

Romeu, vem cá, homem medroso! As aflições de ti se enamoraram. Desposaste a desgraça.

*(Entra Romeu)*

ROMEU

Padre, que novidades? E a sentença do príncipe, qual foi? Qual é a tristeza que eu ainda não conheço e que deseja tocar-me a mão de perto?

FREI LOURENÇO

O meu querido filho por demais íntimo se mostra com essas companhias tão adversas. Vou contar-te o que foi que disse o príncipe, qual foi sua sentença,

ROMEU

Não teria sido o juízo final sua sentença?

FREI LOURENÇO

Dos lábios lhe saiu uma sentença mais branda: não a morte para o corpo, mas o exílio do corpo.

ROMEU

Exílio! exílio! Sê clemente, dizendo logo “morte”, pois mais horror contém no olhar o exílio que a própria morte. Assim, não me repitas essa palavra: “Exílio”.

FREI LOURENÇO

Estás banido de Verona. Reveste-te de calma, pois o mundo é bastante grande e largo.

ROMEU

Mundo não pode haver fora dos muros de Verona, mas dores, purgatório, o próprio inferno. Estar daqui banido, é banido também estar do mundo, e semelhante banimento é a morte. Alcinha, assim, da morte é “banimento”. Dando à morte esse nome, com machado de ouro a cabeça me apartais do tronco rindo do golpe que me tira a vida.

FREI LOURENÇO

Oh pecado mortal! Oh rude e absurdo desagradecimento! Nossas leis dão o nome de morte à tua falta. Mas o benigno príncipe, tomando teu partido, a lei pôs de lado, logo, e em exílio mudou o escuro termo. É graça, e grande, e tu não queres vê-la!

ROMEU

É tortura, não graça. O céu se encontra onde Julieta vive. Um simples gato, um ratinho, um cachorro, as coisas ínfimas aqui vivem no céu e podem vê-la. Mas não o pode Romeu. Mais importância, mais dignidade, mais cortesia se acham nas varejeiras dos monturos, que no pobre Romeu. Tocar conseguem no cândido milagre da querida mão de Julieta e mortal bênção podem dos lábios lhe roubar que, com modéstia pura e vestal, corados ainda ficam por julgarem que os beijos são pecado. As moscas fazem isso; e eu sou forçado a muscar-me daqui; são povo livre; eu, banido. E ainda dizer que esse exílio não significa a morte? Não possui mistura venenosa, faca afiada, ou qualquer meio rápido de morte, por mais baixo que seja e que me mate, tirante esse “banido”? Ora, banido! Ó frade! essa palavra os condenados usam no inferno e de urros a acompanham. Na qualidade de homem santo, sendo, como és, um confessor, que tem poderes para perdoar pecados, meu amigo declarado, pretendes esmagar-me com esse termo: “Banido”?

FREI LOURENÇO

Homem sem juízo, ouve-me ao menos uma palavrinha.

ROMEU

Oh! vais falar de exílio novamente.

FREI LOURENÇO

Vou emprestar-te uma armadura, para esse termo amparar: filosofia, o leite doce e são da adversidade, que te há de confortar, embora estejas, em verdade, banido.

ROMEU

Mas, “banido”! Põe a filosofia numa forca, a menos que a filosofia possa fazer uma Julieta, uma cidade mudar, ou deixar írrito um decreto. Se não, de nada vale, para nada pode servir-me. Não me fales nisso.

FREI LOURENÇO

Vejo que os loucos não possuem orelhas.

ROMEU

Como tê-las, se os sábios não têm olhos?

FREI LOURENÇO

Deixa-me discorrer sobre o teu caso.

ROMEU

Falar não podes sobre o que não sentes. Se, como eu, fosses moço; se Julieta te pertencesse, por se ter tornado tua esposa há uma hora; se tivesses morto Tebaldo, e louco, apaixonado como eu te visses: bem, assim podias falar, arrepiar a cabeleira, jogar-te ao solo como o faço agora, para dar a medida de uma cova que ainda vai ser aberta.

*(Batem dentro)*

FREI LOURENÇO

Estão batendo, Romeu. Levanta-te depressa e esconde-te.

ROMEU

Não; a menos que o sopro dos gemidos do coração, à guisa de neblina, me ocultasse da busca dos olhares.

*(Batem)*

FREI LOURENÇO

Escuta! Estão batendo novamente. — Quem está aí? — Romeu, Romeu, levanta-te. Podes ser preso. — Um momentinho apenas. — *(Batem)* Levanta-te! Esconde-te em meu quarto. — Já vou! Já vou! — Por Deus, como és teimoso! — *(Batem)* Já vou! Quem bate com tamanha força? Da parte de quem vindes? Que quereis?

AMA *(dentro)*

Deixai-me entrar, para que eu dê o recado. A senhora Julieta é que me manda.

FREI LOURENÇO

Bem-vinda sois, então.

*(Entra a ama)*

AMA

Ó santo frade, dissei-me, santo frade, onde se encontra o senhor de minha ama? Onde está ele? Romeu, que é dele?

FREI LOURENÇO

Ali, jogado ao solo, embriagado por suas próprias lágrimas.

AMA

Oh! justamente o caso de minha ama! Justamente o seu caso.

FREI LOURENÇO

Oh simpatia dolorosa, terrível situação!

AMA

Ela está justamente assim, deitada, chorando e lastimando-se, chorando sem parar. Levantai-vos! levantai-vos! Sede homem, por amor, sim, de Julieta. Por que vos consumirdes em lamentos?

ROMEU

Ama?

AMA

Ah meu senhor! A morte é o fim de tudo.

ROMEU

Fala-me de Julieta. Como pensa? Não me julga assassino inveterado, pelo fato de eu ter manchado a infância de nossa grande dita com um sangue tão próximo do seu? Onde está ela? Que faz? Que diz minha secreta esposa do nosso amor destruído?

AMA

Oh! não diz nada, senhor; mas chora, chora sem parar. Ora se joga ao leito, ora levanta-se, chama "Tebaldo", grita o vosso nome, e cai de novo.

ROMEU

Como se esse nome, por um canhão contra ela disparado, lhe desse a morte, como a mão maldita de tal nome o fizera com seu primo. Ó frade, dize-me: em que parte abjeta de minha anatomia está meu nome? Dize, que eu saquearei, no mesmo instante, a casa do inimigo.

*(Saca da espada)*

FREI LOURENÇO

Detém essa desesperada mão. Acaso és homem? Tua postura o afirma, mas as lágrimas são de mulher, mostrando esses teus atos desesperados o furor selvagem dos próprios animais. Ó deformada mulher, sob a aparência de um mancebo, ou animal deturpado, sob a forma de ambos: pasmado estou. Pela minha ordem sagrada: sempre fiz outro juízo de teu temperamento. Não mataste Tebaldo? Agora queres suicidar-te e, assim, matar a tua própria esposa, que de tua vida vive, revertendo contra ti próprio esse ódio amaldiçoado? Por que insultas o berço, o céu e a terra? O berço, o céu e a terra unidos se acham em ti, e de uma vez perdê-los queres? Ora, envergonhas tua forma, o espírito, o amor, que em barda tens, como usurário, sem que nada uses no seu vero emprego para te

ornar a forma, o amor, o espírito. Tua nobre figura é como imagem de cera, se o vigor viril lhe falta; teu amor tão prezado, oco perjúrio que mata o amor que proteger juraste; o espírito, esse ornato da postura, como do amor, se encontra deformado pela conduta de ambos, como pólvora no frasco de um soldado inexperiente, que por tua própria ignorância explode, com tuas próprias armas desmembrando-te. Vamos, homem: levanta-te! Está viva tua Julieta, por quem te achas quase no ponto de morrer. Estás com sorte. Tebaldo quis matar-te; a morte deste-lhe. Nisso foste também mui venturoso. A lei se mostra tua amiga, a pena de morte atenuando para exílio: outra ventura. Sobre o dorso um fardo de bênçãos te caiu. Com seus mais ricos atavios te vem fazendo a corte sempre a felicidade; mas no jeito de um rapaz não polido e caprichoso, com a sorte e o amor amuado te revelas. Toma cuidado! Quem assim procede, acaba sempre mal. Vamos, levanta-te! Vai ter com teu amor, como assentamos. Escala o quarto e leva-lhe conforto. Tem cautela, porém; não te demores até que venham iniciar a guarda, porque então para Mântua não saíras, que é onde vais viver até que achemos a hora oportuna de anunciar as bodas, a reconciliação fazer de todos os vossos conhecidos, e a demência do príncipe alcançar, para chamar-te, finalmente, de volta, retornando tu com cem vezes mil mais alegrias do que tinhas de dores ao partires. Ama, segue na frente. Recomenda-me à senhorita e dize-lhe que cuide de mandar para a cama toda a casa, a isso disposta pelos cruéis eventos. Romeu vai logo.

AMA

Oh Deus! Aqui ficara toda a noite, para ouvir bons conselhos. Quanto vale, quanto, a instrução! Senhor, à senhorita anunciarei vossa ida.

ROMEU

Sim, e dize-lhe que se prepare para repreender-me.

AMA

Eis um anel, senhor, por ela entregue para que vo-lo desse. Vamos, vinde depressa que já está ficando tarde. (*Sai*)

ROMEU

Como isto o coração me fortalece!

FREI LOURENÇO

Saí, boa noite, e toda vossa dita sabeis depende disto: ou saí antes de iniciarem a guarda, ou, muito cedo disfarçado, deixai nossa cidade. Ficai em Mântua, que eu acharei meios de encontrar vosso criado. Ele vos há de com frequência levar as boas novas do que se for passando em nosso meio. Dai-me a mão. Passai bem. Há pressa. Adeus.

ROMEU

Não fosse a dita me levar daqui, sentira dor em me afastar de ti. Adeus.

*(Saem)*

#### CENA IV

*O mesmo. Um quarto da casa de Capuleto. Entram Capuleto, a senhora Capuleto e Páris.*

CAPULETO

As coisas, meu senhor, tomaram rumo tão infeliz, que tempo não tivemos de advertir nossa filha. Vede bem: dedicava afeição sincera ao primo Tebaldo. Tal como eu. Bem; só nascemos para morrer. Já é muito tarde; agora ela não descerá. Posso afiançar-vos que, se não fosse vossa companhia, há uma hora já me houvera recolhido.

PÁRIS

Este tempo de dor não é propício para a corte fazermos. Bem, despeço-me. Senhora, passai bem. A vossa filha recomendai-me.

SENHORA CAPULETO

Farei isso mesmo. Saberei cedo o pensamento dela. Hoje ela está na dor enclausurada.

CAPULETO

Senhor Páris, atrevo-me a afiançar-vos o amor de minha filha. Ela se deixa, quero crer, dirigir por mim em tudo. Sim, estou certo disso. Ao quarto dela subi, mulher, antes de vos deitardes. Contai-lhe o amor de nosso filho Páris e, notai bem, contai-lhe que na próxima quarta-feira... Porém, que dia é hoje?

PÁRIS

Segunda, meu senhor.

CAPULETO

Ah! ah! Segunda! Muito bem. Quarta-feira é muito cedo. Será na quinta. Sim, comunicai-lhe que ela desposará na quinta-feira este mui nobre conde. Estareis pronto? Aprovais tanta pressa? Não faremos muito barulho; uns dois ou três amigos, nada mais, ora vede; porque, tendo sido morto Tebaldo, há pouco tempo, poderemos dar azo a que se pense que não lhe dedicávamos estima como a parente, e que comemos muito. Por isso reuniremos uma dúzia de amigos, tão somente, e... ponto nisso. E agora que dizeis de quinta-feira?

PÁRIS

Senhor, quisera que essa quinta-feira já fosse amanhã mesmo.

CAPULETO

Podeis ir. Muito bem. Pois que seja quinta-feira. Antes de vos deitar, ide falar-lhe. Preparai-a para esse casamento. Adeus, senhor. Olá! Luz no meu quarto! Aqui, primeiro! Aqui! Já é tão tarde, que, com mais um pouquinho, poderemos dizer que é cedo. Bem, adeus. Boa noite.

(*Saem*)

## CENA V

*O mesmo. Quarto de Julieta. Entram Romeu e Julieta.*

JULIETA

Já vais partir? O dia ainda está longe. Não foi a cotovia, mas apenas o rouxinol que o fundo amedrontado do ouvido te feriu. Todas as noites ele canta nos galhos da romeira. É o rouxinol, amor; crê no que eu digo.

ROMEU

É a cotovia, o arauto da manhã; não foi o rouxinol. Olha, querida, para aquelas estrias invejosas que cortam pelas nuvens do nascente. As candeias da noite se apagaram; sobre a ponta dos pés o alegre dia se põe, no pico das montanhas úmidas. Ou parto, e vivo, ou morrerei, ficando.

JULIETA

Não é do dia aquela claridade, podes acreditar-me. É algum meteoro que o sol exala, para que te sirva de tocheiro esta noite e te ilumine no caminho de Mântua. Assim, espera. Não precisas partir assim tão cedo.

ROMEU

Que importa que me prendam, que me matem? Serei feliz, assim, se assim o quiseres. Direi que aquele ponto acinzentado não é o olho do dia, mas o pálido reflexo do diadema da alta Cíntia, e também que não foi a cotovia, cujas notas a abóbada celeste tão longe ferem sobre nossas fronteiras. Ficar é para mim grande ventura; partir é dor. Vem logo, morte dura! Julieta quer assim. Não, não é dia.

JULIETA

É dia; foge! A noite se abrevia. Depressa! É a cotovia, sim, que canta desafinada e rouca, discordantes modulações forçando e insuportáveis. Dizem que ela é só fonte de harmonia; não é assim, pois ora nos divide. Há quem diga que o sapo e a cotovia mudam os olhos. Oh! quisera agora que ambos a voz também trocado houvessem, pois ela nos separa e, assim tão cedo, como grito de caça mete medo. Oh vai! A luz aumenta a cada instante.

ROMEU

A luz? A escuridão apavorante.

*(Entra a ama)*

AMA

Senhora!

JULIETA

Ama?

AMA

Vossa mãe se dirige para cá. Sede prudente; já raiou o dia, como podereis ver. *(Sai)*

JULIETA

Então, janela, que o dia entre no quarto e a vida fuja.

ROMEU

Adeus, adeus! Um beijo, e desço logo. *(Desce)*

JULIETA

Já foste? Meu senhor! Amor! Amigo! Notícias quero ter todas as horas, porque um minuto encerra muitos dias. Fazendo a conta assim, ficarei velha antes de ver de novo o meu Romeu.

ROMEU

Adeus. Não deixarei passar um só momento sem te mandar contar o meu tormento.

JULIETA

Oh! pensas mesmo que ainda nos veremos?

ROMEU

Não o duvides; todas estas dores nos servirão ainda unicamente para doces deixar nossos colóquios.

JULIETA

Oh Deus! Um coração tenho agourento. Vendo-te assim, tão longe, só parece que estás sem vida, dentro de um sepulcro. Ou vejo mal, ou estás, realmente, pálido.

ROMEU

Podes crer-me, querida; de igual modo tu me pareces. A aflição sedenta nos bebe todo o sangue. Adeus! Adeus! (*Sai*)

JULIETA

Ó fortuna! fortuna! Os homens todos de inconstante te chamam. Se inconstante fores, mesmo, que tens a ver com ele, pela fidelidade tão famoso? Sê inconstante, fortuna, pois espero que em vez de o sequestrares muito tempo, logo o farás voltar.

SENHORA CAPULETO (*dentro*)

Ó filha! filha! Já estás de pé?

JULIETA

Quem é que está chamando? É minha mãe? Não se deitou ainda, ou já acordou tão cedo? Qual o insólito motivo que a faz vir falar-me agora?

(*Entra a senhora Capuleto*)

SENHORA CAPULETO

Então, Julieta, como estás?

JULIETA

Senhora, não estou boa.

SENHORA CAPULETO

Ainda a chorar te achas a morte de teu primo? Acaso queres com lágrimas tirá-lo do sepulcro? Inda que o conseguisses, impossível te fora dar-lhe vida. Assim, deixa isso. Alguma dor é indício de amizade; mas muito choro indica pouco espírito.

JULIETA

Mas deixai-me chorar tão grande perda.

SENHORA CAPULETO

Sentis a perda, apenas, não o amigo, cuja perda chorais.

JULIETA

Sentindo a perda tanto assim, outra coisa não me resta senão chorar o amigo.

SENHORA CAPULETO

Sim, menina; não choras tanto pela morte dele, como porque está vivo o miserável que da vida o privou.

JULIETA

Que miserável, minha senhora?

SENHORA CAPULETO

Esse vilão Romeu.

JULIETA (*à parte*)

Vilão e ele estejam separados por milhares de léguas. — Que perdoado seja por Deus como por mim já o foi. Contudo, homem nenhum tanto, como ele, me oprime o coração.

SENHORA CAPULETO

É que esse biltre, esse assassino ainda está com vida.

JULIETA

Sim, e longe do alcance destas mãos. Oh! se eu, tão só, vingar pudesse a morte do meu querido primo!

SENHORA CAPULETO

Ainda haveremos de vingá-lo; por isso não te aflijas. Para, pois, com essas lágrimas. A Mântua, exílio onde se encontra o renegado, mandarei quem lhe dê uma bebida tão fora do comum, que logo ele

há de companhia fazer para Tebaldo. E assim, espero-o, ficarás contente.

JULIETA

Decerto, nunca ficarei contente com Romeu sem o ter em frente — morto. Assim meu pobre coração lamenta a perda de meu primo. Se pudésseis, senhora, achar uma pessoa, ao menos, que levasse o veneno, eu o preparara de modo que Romeu, tomando-o, logo repousaria em paz. Oh! como sente meu coração ouvir-lhe o nome odioso, sem conseguir aproximar-me dele para vingar o amor que eu dedicava ao meu primo Tebaldo, sobre o corpo de quem o assassinou.

SENHORA CAPULETO

Encontra os meios, que eu acharei esse homem. Mas agora vim trazer-te notícias mais alegres.

JULIETA

Vem a tempo a alegria em tal tristeza. E em que consistem essas alegrias, minha senhora, poderei sabê-lo?

SENHORA CAPULETO

Bem, bem, menina; tens um pai zeloso, que para te livrar dessa tristeza excogitou um dia de alegria como nem tu esperas, nem eu própria poderia pensar.

JULIETA

Oh! vem a tempo! Mas, senhora, que dia será esse?

SENHORA CAPULETO

Filha, vê só! Na quinta-feira próxima na igreja de São Pedro o conde Páris, valente moço e nobre gentil-homem, para sua ventura, alegre noiva te fará finalmente.

JULIETA

Ora, por essa igreja de São Pedro, e por São Pedro, de mim não fará ele noiva alegre. Estranho tanta pressa; por esposo ter eu de receber

uma pessoa antes até de me fazer a corte! Dizei, senhora, a meu senhor e pai, que não quero casar; é muito cedo; e que, quando o fizer, posso jurá-lo, antes escolherei Romeu, que odeio como bem o sabeis, que o conde Páris. Eis aí novidade de primeira.

SENHORA CAPULETO

Aí vem vosso pai; dizei-lhe tudo isso vós mesma e vede as consequências.

*(Entram Capuleto e a ama)*

CAPULETO

Quando o sol morre, o céu chuveja orvalho; mas na morte do filho de meu mano chove torrencialmente. Então, menina, que goteira é essa? Ainda e sempre em lágrimas? Que é isso? Sempre a chover? Num corpo pequenino, o mar imitar queres, barco, ventos? Pois teus olhos, a que de mar eu chamo, fluxo e refluxo mostram, só de lágrimas; teu corpo é o barco nesse mar salgado; teus suspiros, os ventos, que em conflito permanente com as lágrimas se encontram e que hão de soçobrar-te o frágil corpo tão maltratado pela tempestade, se não fizer a tempo calmaria. Então, mulher: falastes-lhe a respeito de nossa decisão?

SENHORA CAPULETO

Sim, conversamos. Ela, porém, com isso não concorda. Muito vos agradece. Eu desejara que essa tola casasse com seu túmulo.

CAPULETO

Mais devagar, mulher! Levai-me junto! Como! Não quer casar? E ainda agradece? Não se sente orgulhosa? Não se julga muito feliz — sendo, como é, indigna — por lhe termos obtido um noivo desses, tão digno gentil-homem?

JULIETA

Orgulhosa não estou, mas vos sou agradecida. Não posso ter orgulho do que odeio; mas agradeço justamente esse ódio que significa amor.

CAPULETO

Que quer dizer tudo isso? Como assim, minha sofista? “Agradecida” e “não agradecida”, “orgulhosa” e também “não orgulhosa”... Não precisais agradecer-me os vossos agradecidos, nem mostrar orgulho dos orgulhosos ou o que quer que seja. Mas tratai de aprontar vossas juntinhas galantes para, quinta-feira próxima, a igreja de São Pedro irdes com Páris. Caso contrário, para lá te levo dentro de uma carroça. Fora! Fora! carniça doente! Fora, marafona! cara de vela!

SENHORA CAPULETO

Ora essa! Estais maluco?

JULIETA

Bondoso pai, de joelhos vos suplico ouvirdes-me, paciente, uma palavra.

CAPULETO

Vai te enforcar, rapariguinha à-toa! Tipo desobediente! Já te mostro. Vai quinta-feira à igreja, ou não me encares nunca mais, nunca mais! Não me repliques coisa nenhuma. Basta! Não me fales. Nos dedos sinto cócegas. Pensávamos, mulher, que nossa dita era pequena, porque Deus só nos dera uma menina; mas vejo agora que esta já nos sobra e que com ela a maldição nos veio. Rameira à-toa!

AMA

Deus do céu que a ampare! Procedeis mal, senhor, por insultá-la desse modo.

CAPULETO

Por quê, dona prudência? Guardai na boca a língua sabe-tudo. Ide mas é ensinar vossas comadres.

AMA

De mal não disse nada.

CAPULETO

Bom proveito.

AMA

Não se pode falar?

CAPULETO

Paz, resmungona. Velha tonta! Guardai vossas sentenças para vossas iguais. Não precisamos delas aqui.

SENHORA CAPULETO

Estais muito excitado.

CAPULETO

Sacramento de Deus! É de deixar-me louco de todo. Dias e mais dias, a toda hora, de noite, o ano inteirinho, no trabalho, no jogo, só, no meio dos companheiros, tinha apenas uma preocupação: sabê-la, enfim, casada. E agora que arranjei um gentil-homem de nobre parentesco, jovem, rico, de fina educação, forrado, como se costuma dizer, de qualidades excepcionais, e tão proporcionado como melhor não fora concebível, lá vem uma coisinha choramingas, uma boneca cheia de lamúrias, ao lhe sorrir a sorte, declarar-me: “Sou muito nova”, “amar não me é possível”, “não desejo casar-me”, “desculpai-me, por obséquio”. Pois não, vou desculpar-vos, se não quereis casar. Procurai pasto onde bem entenderdes, que aqui em casa não ficareis comigo. Refleti; vede bem; gracejar não é meu hábito. Quinta-feira está perto; aconselhai-vos com o coração. Se fordes minha filha, por mim a meu amigo sereis dada. Mas se o não fordes, enforcai-vos, ide pedir esmola, perecer de fome, morrer na rua, pois — pela alma o juro! — jamais hei de reconhecer-te e nunca quanto for meu te poderá ser útil. Reflete bem, pois não serei perjuro. (*Sai*)

JULIETA

Não haverá piedade em meio às nuvens, para dor me sondar até o mais fundo? Oh! não me repilais, bondosa mãe! Adiai esse esposório pelo prazo de um mês, uma semana; ou se impossível vos for tal

coisa, preparai o tálamo nupcial no monumento em que Tebaldo se encontra sepultado.

SENHORA CAPULETO

Não me fales. Não digo nada; faze o que entenderes, que para mim não representas nada. (*Sai*)

JULIETA

Oh Deus! Ó ama! como evitar isso? Tenho o esposo na terra, a fé, no céu. De que modo essa fé poderá vir-me de novo para a terra, a menos que ele do céu ma envie, após deixar a terra? Conforta-me; aconselha-me. Oh tristeza! usar o céu de tais estratagemas com um ser tão delicado! Não me dizes uma palavra, ao menos? Como pensas, ama? Nenhum consolo?

AMA

Sim, digo isto: Romeu está banido; o mundo todo contra nada, em como ele não retorna para vos reclamar. Mas ainda mesmo que retorne, forçoso é que isso seja muito às ocultas. Ora, estando as coisas nesse pé, mais razoável me parece desposardes o conde. Oh! que fidalgo tão gracioso! Romeu, ao lado dele, não é mais do que um pano de cozinha. Uma águia, senhorita, não tem olhos tão penetrantes, verdes e bonitos como os de Páris. Quero que maldito fique meu coração, se venturosa não vos fizer este segundo esposo. De muito o outro ele vence; e ainda mesmo que não vencesse, aquele já está morto, ou é como se estivesse, por viverdes aqui, sem uso algum fazerdes dele.

JULIETA

Falas de coração?

AMA

E também de alma.

JULIETA

Amém.

AMA  
Como?

JULIETA

Soubeste consolar-me maravilhosamente. Vai e dize a minha mãe que por haver deixado meu pai aborrecido, fui à cela de frei Lourenço, com o fim de confessar-me para ser absolvida.

AMA

Dir-lhe-ei isso; procedeis bem. (*Sai,*)

JULIETA

Oh velha amaldiçoada! Oh demônio perverso! Que pecado será maior: querer-me ver perjura, ou insultar meu senhor com a mesma boca que o exaltou sobre tudo neste mundo tantos milhões de vezes? Conselheira, podes ir. Dora em diante, separados tu e meu peito estais. Vou ver o monge. Dar-me-á remédio. Vindo a falhar tudo, porei na morte todo o meu estudo. (*Sai*)

## ATO IV

### CENA I

*Verona. Cela de Frei Lourenço. Entram frei Lourenço e Páris.*

FREI LOURENÇO

Quinta-feira, senhor? O prazo é curto.

PÁRIS

Foi o pai Capuleto que assim quis, sem que eu propenso esteja para frouxa deixar a pressa dele.

FREI LOURENÇO

Mas dissestes que não sabeis ainda o que a donzela sobre isso resolveu. Esse caminho não o considero certo; não me agrada.

PÁRIS

Chora sem pausa a morte de Tebaldo. Por essa causa, pouco conversamos a respeito de amor; não sorri Vênus numa casa de lágrimas. Agora, senhor, ficai sabendo que o pai dela considera nocivo ela entregar-se desse modo à tristeza, e tem em sua sabedoria posto pressa às núpcias, para sustar a inundação das lágrimas. O que na solidão toma incremento, pode minguar na vida em sociedade. Sabeis, pois, as razões de tanta pressa.

FREI LOURENÇO (*à parte*)

Quisera não saber quais os motivos que à dilação obrigam. — Vede, conde: aí vem a dama em direção à cela.

(*Entra Julieta*)

PÁRIS

Feliz encontro, minha esposa e dona!

JULIETA

Assim poderá ser, quando casar-me.

PÁRIS

O "poderá" será na quinta-feira próxima.

JULIETA

O que tiver de ser, será.

FREI LOURENÇO

É um dito muito certo.

PÁRIS

Aqui viestes para vos confessar com este monge?

JULIETA

Dar-vos uma resposta, já seria confessar-me convosco.

PÁRIS

Revelai-lhe que me tendes amor.

JULIETA

A vós diria que lhe dedico amor.

PÁRIS

Do mesmo modo lhe direis que me amais, tenho certeza.

JULIETA

Se assim fosse, teria mais valia não vos dizer no rosto, mas nas costas.

PÁRIS

Pobre alma, o rosto as lágrimas te ofendem.

JULIETA

É vitória pequena para as lágrimas, pois, antes disso, ele já era feio.

PÁRIS

Mais o ofendeste agora, assim falando, do que com tuas lágrimas.

JULIETA

Calúnia não foi, senhor; só disse o que é verdade.

PÁRIS

Teu rosto é meu; com isso o caluniaste.

JULIETA

Pode ser, que a mim mesma não pertence. Tendes vagar agora, santo padre, ou voltar devo à tarde, para a missa?

FREI LOURENÇO

Tenho vagar agora, minha filha pensativa. Senhor, será preciso que nos deixeis sozinhos.

PÁRIS

Deus não queira que eu possa perturbar a devoção! Julieta, quinta-feira, bem cedinho, hei de vos despertar. Até esse instante, adeus: Ficai com este beijo pio. (*Sai*)

JULIETA

Oh! fecha a porta logo! E, após a teres fechado, vem também chorar comigo. Já não há esperança, nem remédio, não há socorro algum.

FREI LOURENÇO

Ó Julieta! já sei do teu desgosto. Ele ultrapassa de muito meus espíritos. Disseram-me que vais casar na quinta-feira próxima com o Conde Páris, sem que nada possa adiar a cerimônia.

JULIETA

Não me fales, padre, no que soubeste a esse respeito, se o meio não disseres de evitá-lo. Se em toda tua ciência não achares nenhum recurso, ao menos chamai sábia minha resolução, pois esta faca já já me ensinará remédio pronto. Meu coração e o de Romeu reunidos foram por Deus; as mãos tu nos juntaste. Antes, pois, que esta mão, por ti fechada na de Romeu, possa servir de timbre para outra transação, ou que o meu fido coração, com perfídia revoltosa, corra para outro, assim os dois liquido. Por tudo isso, com tua experiência, dá-me logo um conselho. Do contrário, verás como esta faca sanguinária de árbitro vai servir entre mim própria e a minha dor imensa, decidindo sobre o que a autoridade de teus anos e de tanto saber não conseguiram levar a termo honroso. Não retardes a resposta. Viver me causa tédio, se falar não me vieres do remédio.

FREI LOURENÇO

Para, filha! Vislumbro uma esperança, mas a tal ponto desesperadora, como é desesperado o que queremos impedir que aconteça. Se energia tens suficiente para suicidar-te, só para a mão não dar ao Conde Páris, será melhor, então, que te resolves a empreender algo que suicídio lembra, para afastar o opróbrio, assim lutando com a morte, para dela te furtares. Se ousares isso, arranjarei os meios.

JULIETA

Oh! mandai que eu me jogue das ameias daquela torre, mas de casamento com o conde não faleis; ou concitai-me a andar pelas estradas de assaltantes, ou a esconder-me em ninhos de serpentes; amarraí-me com ursos rugidores; numa carneira me fechai à noite, cheia de ossos humanos, que se choquem, de tíbias negras, crânios sem mandíbulas; mandai-me entrar num túmulo recente, para esconder-me, ao lado do defunto, sob sua própria mortalha; coisas essas que, só de ouvir, tremer já me fizeram. Sem a menor vacilação, sem medo, tudo farei, contanto que prossiga como esposa sem mancha de quem amo.

FREI LOURENÇO

Escuta, então: vai para casa, mostra-te alegre e dize que disposta te achas a desposar o conde. Quarta-feira é amanhã; amanhã, à noite, deita-te sozinha, sem que fique a ama no quarto. Toma este frasco, e quando te deitares em tua cama, bebe seu conteúdo, que pelas veias, logo, há de correr-te humor frio, de efeito entorpecente, sem que a bater o pulso continue em seu curso normal, parando logo. Calor nenhum nem hálito tua vida poderão atestar; mudadas ficam essas rosas das faces e da boca em cinza desmaiada, a cair vindo as janelas dos olhos, como quando fecha o dia da vida a morte escura. Do maleável poder os membros todos ficando, então, privados, hão de frios e rígidos tornar-se como a morte. Vinte e quatro horas ficarás com esse tétrico aspecto da engelhada morte, para acordar como de um doce sono. Quando, portanto, cedo vier o noivo despertar-te do leito, estarás morta. Então — como é costume em nossa terra — com belas vestes, num esquiife aberto, posta serás no mesmo antigo túmulo em que toda a família Capuleto tem sido sepultada. Nesse em meio, antes de despertares, Romeu há de, por minhas cartas, conhecer o que houve e virá para cá. Aguardaremos, eu e ele, que despertes, conduzindo-te Romeu, na mesma noite, para Mântua. Do opróbrio ameaçador esse projeto te livrará, se o medo feminino ou o capricho volúvel, à última hora, não te privarem do valor consueto.

JULIETA

Dai-mo! dai-mo! e vereis se tenho medo.

FREI LOURENÇO

Eis aqui. Parti logo e conservai-vos nessa resolução. Vou mandar prestes a Mântua um portador com uma carta de minha parte para teu marido.

JULIETA

Triunfe o amor, e eis tudo resolvido. Adeus, meu caro padre.

*(Saem)*

## CENA II

*O mesmo. Sala em casa de Capuleto. Entram Capuleto, senhora Capuleto, ama e criados.*

CAPULETO

Convidai as pessoas desta lista. *(Sai o criado)* E tu, maroto aí! Vai contratar-me vinte hábeis cozinheiros.

SEGUNDO CRIADO

Não arranjareis nenhum cozinheiro ruim, senhor, porque eu me incumbirei de verificar se eles sabem lamber os dedos.

CAPULETO

E de que modo conseguirás isso?

SEGUNDO CRIADO

Ora, senhor, o cozinheiro que não sabe lamber os dedos, não presta. Por isso, deixarei de trazer os que não souberem fazê-lo.

CAPULETO

Está bem; vai logo. *(Sai o segundo criado)* Vai faltar muita coisa; o tempo é curto. Quem saberá dizer-me se Julieta foi à cela do monge?

AMA

Foi, realmente.

CAPULETO

Talvez ele lhe dê um bom conselho. É uma rapariguinha cabeçuda.

AMA

Ei-la contente; vem da confissão.

*(Entra Julieta)*

CAPULETO

Então, cabeçudinha? Onde estivestes saracoteando?

JULIETA

Onde aprendi, realmente, a arrepender-me do pecado grave de desobedecer a vossas ordens, tendo-me frei Lourenço, esse santo homem, ordenado que viesse aqui prostrar-me para pedir perdão. Perdão vos peço. De hoje em diante sereis meu guia em tudo.

CAPULETO

Ide chamar o conde; contai-lhe isso. Será firmado o enlace amanhã cedo.

JULIETA

Vi o conde na cela de Lourenço, tendo-lhe dado tudo o que é possível conceder dentro da área da modéstia.

CAPULETO

Isso me alegra muito. Bem; levanta-te. Assim vai tudo bem. Vou ver o conde. Com a breca! Olá, maroto! vai buscá-lo. Deus louvado. Esse frade reverendo, toda a cidade o tem em grande estima.

JULIETA

Quereis, ama, ir comigo até o meu quarto para escolhermos juntas os enfeites que mais próprios achardes para a festa?

SENHORA CAPULETO

Não; até quinta-feira há muito tempo.

CAPULETO

Vai, ama; vai com ela. Nós iremos até à igreja amanhã.

*(Saem Julieta e a ama)*

SENHORA CAPULETO

Vão faltar provisões, e é quase noite.

CAPULETO

Oh diabo! Vou mexer-me; e tudo, tudo, mulher, termina bem, posso afirmar-te. Vai ajudar Julieta nos enfeites. Deixem-me só; hoje não vou deitar-me. Por esta vez serei dona de casa. Olá, rapazes! Qual! saíram todos. Irei sozinho ver o Conde Páris, para animá-lo para amanhã cedo. O coração por demais leve sinto desde que essa menina criou juízo.

*(Saem)*

### CENA III

*O mesmo. Quarto de Julieta. Entram Julieta e a ama.*

JULIETA

Sim, estas são as peças mais bonitas. Mas, gentil ama, deixa-me esta noite; desejo ficar só, pois necessito de rezar muito, para que consiga fazer sorrir o céu para o meu lado, pois bem sabeis: tenho a alma atormentada e cheia de pecados.

*(Entra a senhora Capuleto)*

SENHORA CAPULETO

Ocupada bastante, não? Necessitais de mim?

JULIETA

Não, senhora; escolhemos, tão somente, quanto nos pareceu mais necessário para amanhã vestir na cerimônia. Assim, vos peço me

deixeis sozinha, dormindo a ama esta noite em vosso quarto, pois sei que vos achais assoberbada de ocupações para esta festa súbita.

#### SENHORA CAPULETO

Boa noite, então. E tu, podes deitar-te; não temos precisão de teus serviços.

*(Saem a senhora Capuleto e a ama)*

#### JULIETA

Adeus. Deus sabe quando nos veremos outra vez. Pelas veias me passeia um medo frio e lânguido, que quase deixa o calor da vida inteiriçado. Vou chamá-los de novo para darem-me coragem. Ama!... Mas, por que vir cá? Precisarei representar sozinha meu terrível papel. Vamos, frasquinho. E se esta droga não fizer efeito? Terei de me casar amanhã cedo? Não; isto o impedirá. Fica aqui perto. *(Põe de lado um punhal)* E se for um veneno que esse frade com astúcia me deu para matar-me, temendo o opróbrio que podia vir-lhe do casamento, por me haver casado com Romeu antes disso? Sinto medo. Contudo, quero crer, não o faria, pois como santo é tido há muito tempo. Não devo ter tão baixo pensamento. E se, depois de estar na sepultura, eu vier a despertar, sem que Romeu chegue para salvar-me? Oh caso horrível! Não ficarei asfixiada dentro da sepultura, cuja boca imunda não respira ar sadio, e, assim, morrendo sufocada sem vir o meu Romeu? Ou se eu viver, não será mui plausível que aquela imagem de negror e morte, associada ao pavor do próprio ponto — um sepulcro, carneira onde há centenas de meus antepassados; onde se acha desde pouco Tebaldo ensanguentado, a decompor-se em seu sudário branco; onde, assim dizem, em determinadas horas da noite espíritos vagueiam?... Ai! ai de mim! Pois não será possível que eu venha a despertar antes do tempo?... Aquele cheiro repugnante, os gritos que como o das mandrágoras, ao serem arrancadas da terra, influem loucura em todos quantos porventura os ouvem... Ao despertar não ficarei demente no meio desses medos pavorosos, pondo-me, louca, a remexer nos ossos de meus antepassados, e a puxar de seu lençol Tebaldo mutilado? Ou, tomada de fúria, com um osso de um dos

meus bisavós, que irá servir-me de clava não farei saltar meu cérebro desesperado? Oh! vede! o espírito parece de meu primo, que anda em busca de Romeu, que espetou seu pobre corpo na ponta do punhal. Para, Tebaldo! Romeu, aqui! Bebo isto por tua causa.

*(Cai sobre o leito, para dentro das cortinas)*

#### CENA IV

*O mesmo. Sala da casa de Capuleto. Entram a senhora Capuleto e a ama.*

SENHORA CAPULETO

Ama, toma estas chaves e nos traze mais temperos e cheiro.

AMA

Os pasteleiros querem marmelo e tâmara.

*(Entra Capuleto)*

CAPULETO

Depressa! Mexam-se! Vamos! O segundo galo já cantou e o sinal de apagar fogo há muito já foi dado. São três horas. Cuida dos bolos, minha boa Angélica, sem poupar coisa alguma.

AMA

Ide, ide embora, metediço; o lençol está chamando. Por minha fé, assim ficais doente, por haverdes velado a noite toda.

CAPULETO

Nem um pouquinho. Ora essa! Muitas noites já passei acordado por motivos bem menores, sem ter ficado doente.

SENHORA CAPULETO

É certo, em vossa mocidade andáveis a caçar ratos; mas agora eu tomo sobre mim o trabalho de poupar-vos de tais caçadas.

*(Saem a senhora Capuleto e a ama)*

CAPULETO

Oh ciúmes! ciúmes! (*Entram três ou quatro criados, com espetos, achas de lenha e cestos*) Amigos, que levais aí dentro?

PRIMEIRO CRIADO

Coisas que o cozinheiro reclamou, senhor; não sei bem o que seja.

CAPULETO

Pressa! pressa! (*Sai o primeiro criado*) e tu, maroto, traze lenha seca; Pedro pode indicar onde é o depósito.

SEGUNDO CRIADO

Tenho cabeça para achar a lenha; não vou incomodar para isso o Pedro. (*Sai*)

CAPULETO

Raios! Boa resposta! O sem-vergonha tem gênio alegre, ah! ah! Dará bom cepo. Por minha fé, já é dia; mais um pouco e o conde chegará mais os seus músicos. Foi o que ele que disse. (*Ouve-se música.*) Ei-lo! Já o ouço. Ama! Mulher! Estou chamando. Olá! (*Volta a ama*) Vai acordar Julieta e prepará-la. Vou conversar com Páris. Toda pressa! Mais pressa nisso! O noivo já está pronto. Mais pressa! digo.

(*Saem*)

## CENA V

*O mesmo. Quarto de Julieta. (Entra a ama).*

AMA

Senhora, olá! Julieta! É quase certo que ainda esteja a dormir. Eh, ovelhinha! Então, senhora? Então? Que dorminhoca! Então, amor? Senhora! Estou chamando... Coraçõozinho! Noiva!... Como! Muda? Agora desforrais a vossa parte, dormindo uma semana; mas garanto-vos que na noite que vem o Conde Páris repouso não terá, porque repouso também não possais ter. Deus me perdoe. Santa

Virgem e amém! Que sono calmo! Mas preciso acordá-la. Olá, senhora! Que o conde venha vos tirar da cama, e hei de vos espantar. Não falei certo? Como assim? Já vestistes toda a roupa, e outra vez a dormir? Vou despertá-la, Senhora! Olá!... Oh Deus!... Socorro! A patroa está morta!... Aqui!... Socorro! Oh dia triste! Assim nunca eu nascesse. *Aqua vitae!* Senhor! Senhora!... Acudam!...

*(Entra a senhora Capuleto)*

SENHORA CAPULETO

Que barulheira é essa?

AMA

Oh dia triste!

SENHORA CAPULETO

Que aconteceu?

AMA

Olhai, senhora... Oh dia!

SENHORA CAPULETO

Oh! minha única filha! Minha filha! Reanima-te, olha para mim, ou deixa-me morrer também contigo. Aqui! Socorro! Vai chamar gente!

*(Entra Capuleto)*

CAPULETO

Que vergonha! Trazei Julieta logo; o noivo já chegou.

AMA

Está sem vida, morta, sem vida! Oh dia desgraçado!

SENHORA CAPULETO

Oh que dia! Morreu! Morreu! Morreu!

CAPULETO

Deixai-me vê-la. Oh dor! Já está gelada. O sangue está parado; os membros, duros. Estes lábios e a vida há muito tempo separados já estão. A morte se acha sobre ela como geada mui precoce sobre a flor mais gentil de todo o campo.

AMA

Oh dia lamentável!

SENHORA CAPULETO

Oh tristeza!

CAPULETO

A morte que a tirou de mim com o fito de fazer-me gemer, a língua me ata, não me deixando pronunciar palavra.

*(Entram frei Lourenço e Páris, com músicos)*

FREI LOURENÇO

A noiva já está pronta para a igreja?

CAPULETO

Sim, para ir para a igreja, sem que nunca possa de lá voltar. Ó filho, a morte, na véspera do dia de tuas núpcias, deitou-se com tua noiva; é minha herdeira; cortejou minha filha. Morrer quero, para levar à morte o que possuo: vida, bens; tudo é dela.

PÁRIS

Quis tanto ver a face deste dia, para enfim contemplar este espetáculo?

SENHORA CAPULETO

Dia infeliz, maldito, desgraçado! A hora mais triste que já viu o tempo em toda a sua peregrinação comprida e laboriosa. Uma só filha, uma só, pobre filha, e tão amada, para gozo e consolo um ser apenas, e a cruel morte arrancar-ma, assim, da vista.

AMA

Oh dia triste! Oh dia triste! Oh dor! O dia mais escuro e lamentável que eu vi em toda a vida. Oh dia triste! Oh dia odioso! Oh dia! Oh dia triste Nunca vi dia de tão densas trevas. Oh dia triste! Oh dia!

#### PÁRIS

Ludibriado, ofendido, separado desprezado, destruído... Morte odiosa, ludibriado por ti, por ti, cruel morte, arruinado de todo. Oh amor! Oh vida...! Não, vida não: amor na própria morte!

#### CAPULETO

Odiado, desprezado, desolado, martirizado, morto! Inconsolável tempo, por que motivo vieste agora matar, matar nossa solenidade? Oh filha! Filha, não: alma querida! Já não vives! morreste! Ah! minha filha já não vive e, com ela, sepultada vai ser minha alegria.

#### FREI LOURENÇO

Calma! peço-vos; a cura da desordem vir não pode da desorientação. Tal como vós, tinha o céu parte nesta bela criança. Agora o céu tem tudo, o que é, por certo, melhor para a donzela. Não vos fora possível subtrair da morte a parte que tínheis nela, mas o céu à dele vida eterna vai dar. O que queríeis era vê-la elevada; todo o vosso céu consistia justamente nisso. E agora a lastimais, vendo-a exaltada, tão acima das nuvens, no alto céu? Com vosso amor amais a vossa filha tão mal que vos mostrais desesperados por sabê-la tão bem? As bem casadas não são as que assim vivem muito tempo; mas bem casada está quem morre cedo. Interrompei o pranto; sobre o belo corpo espalhai bastante rosmarinho, e, tal como é de praxe, em suas vestes mais vistosas levai-o para a igreja. Embora chorar mande a natureza, ri a razão ao choro da tristeza.

#### CAPULETO

Tudo o que havia para o festival usado ora vai ser no funeral. Os instrumentos viram melancólicos sinos; nosso festim, jantar funéreo; nossos hinos solenes, puras nênias; as flores nupciais irão de enfeite servir para o cadáver, transmudando-se, assim, em seu contrário as coisas todas.

FREI LOURENÇO

Retirai-vos, senhor; acompanhai-o, minha senhora; e vós, conde, também. Que todos se preparem para o belo corpo levar à tumba. Porventura o céu vos pune por qualquer maldade; não o irriteis, pois essa é a sua vontade.

*(Saem Capuleto, a senhora Capuleto, Páris e monge)*

PRIMEIRO MÚSICO

Por minha fé, podemos guardar as gaitas e ir embora.

AMA

Ah! meus homens, guardai-as, guardai-as, que isso é um caso doloroso!

PRIMEIRO MÚSICO

Oh! é certo; poderia ser melhor.

*(Entra Pedro)*

PEDRO

Músicos! Olá! “Alegra-te, coração! Alegra-te, coração!” Se quereis que eu viva, tocai “Alegra-te coração!”

PRIMEIRO MÚSICO

Por que “Alegra-te, coração?”

PEDRO

Oh! músicos, porque meu próprio coração toca “O coração me pesa de tristeza”. Oh! tocai uma litania alegre, para reconfortar-me.

SEGUNDO MÚSICO

Não, nada de litánias; não é hora de tocar música.

PEDRO

Então não quereis tocar?

MÚSICOS

Não.

PEDRO

Nesse caso vou tratar-vos como o mereceis.

PRIMEIRO MÚSICO

De que modo pretendes tratar-nos?

PEDRO

Não será com dinheiro, é claro; mas com pilhérias. Vou arranjar-vos um arranhador de rabeca.

PRIMEIRO MÚSICO

Nesse caso eu arranjarei para ti um servente de cozinheiro.

PEDRO

E eu vos atirarei na cabeça a faca do servente de cozinheiro. Eu sou assim; não levo semínimas para casa. Vou fazer de vós ré e fá. Tomastes nota?

PRIMEIRO MÚSICO

Se de nós fizerdes ré e fá, viraremos notas.

SEGUNDO MÚSICO

Por obséquio, por obséquio: esconde essa faca e mostra o espírito.

PEDRO

Tomai cuidado com meu espírito! Vou malhar-vos com meu espírito de aço e embainhar minha faca. Respondei-me como homens: Quando a dor e a tristeza libertinas me oprimem a cabeça e o coração, a música de notas argentinas... Por que “notas argentinas”? Por que “música de notas argentinas”? Que dizeis a isso, Simão Catling?

PRIMEIRO MÚSICO

Ora, senhor, porque a prata tem um som agradável.

PEDRO

Tolice! Que pensais, Hugo Rabeca?

SEGUNDO MÚSICO

Penso que “notas argentinas” significam que os músicos tocam suas notas para adquirir prata.

PEDRO

Oh! peço perdão. E sois cantores! Vou dar a explicação por vós. A frase “música de notas argentinas” significa que os músicos nunca veem ouro com suas notas... a música de notas argentinas com seu poder me deixa outra vez são.

PRIMEIRO MÚSICO

Que sujeito pestilencioso!

SEGUNDO MÚSICO

Que se enforque! Vamos; entremos, para assistir ao enterro e esperar pelo jantar.

*(Saem)*

## ATO V

### CENA I

*Mântua. Uma rua. Entra Romeu.*

ROMEU

Se eu tiver de dar crédito à verdade do sono aduladora, os sonhos dizem-me que está iminente alguma alegre nova. Em seu trono sentado está de leve o senhor do meu peito, e o dia todo com risonhas imagens um espírito desconhecido me ergue do chão duro. Sonhei que meu amor tinha chegado e me encontrara morto.

Estranho sonho, que não destrói no morto o pensamento! E com beijos tal vida me insuflava que eu revivi e imperador tornei-me. Quão doce deve ser o amor possuído, se assim tão venturoso é sua sombra! (*Entra Baltasar, de botas*) Notícias de Verona! Que acontece, Baltasar? Frei Lourenço mandou carta? E meu pai, está bem? Minha Julieta, como a deixaste? Torno a perguntar-te, nada irá mal, se bem ela estiver.

BALTASAR

Então ela está bem; nada está mal. Seu corpo está dormindo no sepulcro dos Capuletos e a imortal essência vive agora entre os anjos. Vi quando ela foi deposta na tumba da família. Perdoai-me por trazer-vos tais notícias; mas destes-me, senhor, essa incumbência.

ROMEU

É assim? Então, estrelas, desafio-vos! Sabes bem onde eu moro; vai buscar-me papel e tinta e aluga-me uns cavalos. Partirei esta noite.

BALTASAR

Revesti-vos de paciência, senhor, vos peço; tendes pálidas as feições e desvairadas, pressagiando desgraça.

ROMEU

Não; enganas-te. Vai logo e faze o que te disse há pouco. Não me mandou o monge alguma carta?

BALTASAR

Nenhuma, bom senhor.

ROMEU

Bem; não importa. Vai tratar logo de alugar cavalos; irei já para casa. (*Sai Baltasar*) Bem, Julieta; deitar-me-ei ao teu lado ainda esta noite. Procuremos os meios... Ó desgraça! como rapidamente te intrometes nos pensamentos dos desesperados! Lembro-me de ter visto um Boticário mora aqui perto — não faz muito tempo, maltrapilho, de cenho carregado, a separar suas ervas. Rosto esquelético, tinha-o

roído até aos ossos a miséria. Pendida via-se uma tartaruga em sua pobre loja, um crocodilo morto e empalhado, e muitas outras peles de peixes desconformes; pelas sujas prateleiras, uns montes miseráveis de caixinhas vazias, potes verdes, bexigas e sementes bolorentas, restos de fios, velhos pães de rosas, magramente espalhados para efeito. Vendo tanta miséria, a sós comigo observei que se alguém necessitasse algum dia veneno que, sob pena de morte agora não se vende em Mântua, ali vivia um desgraçado escravo que decerto o vendera. Oh! essa ideia veio muito antes da necessidade. Esse coitado vai vender-me a droga. Se não me engano, a casa é aqui defronte. Sendo feriado, a loja está fechada. Olá! oh!... Boticário!

*(Entra o boticário)*

BOTICÁRIO

Quem me chama com tanta força?

ROMEU

Vem aqui, amigo. Vejo que és pobre; toma estes quarenta ducados, mas arranja-me uma dracma de veneno, mas droga tão violenta que tão veloz se espalhe pelas veias, que a pessoa cansada desta vida, bebendo-a, caia morta, e que do corpo o fôlego se aparte tão depressa como pólvora acesa, ao desprender-se do fatal ventre do canhão medonho.

BOTICÁRIO

Possuo esse veneno perigoso; porém as leis de Mântua morte certa cominam para quantos o venderem.

ROMEU

És tão nu e tão cheio de misérias, e a morte ainda receias? Tens a fome nas faces; as angústias e o infortúnio de fome em teu olhar estão morrendo; do dorso pendem-te a miséria e a ofensa. Não se te mostra amigo o mundo e, menos ainda, a lei do mundo. Em todo o mundo não há uma lei para deixar-te rico. Não sejas pobre, então; passa por cima da lei e toma isto.

BOTICÁRIO

Aceita a minha pobreza o que me dás, não a vontade.

ROMEU

Não a vontade, pago-te a pobreza.

BOTICÁRIO

Ponde isto em qualquer líquido; tomando-o, embora a resistência possuídes de vinte homens, caireis de pronto morto.

ROMEU

Eis teu ouro, veneno mais nocivo para as almas dos homens, que mais crimes tem cometido neste mundo sujo, do que essas pobres drogas misturadas que não podes vender. Dei-te veneno; não tu a mim. Adeus. Compra alimento e engorda um pouco mais. Vamos, cordial, não veneno. Ao sepulcro vem comigo de Julieta, mostrar que és meu amigo.

*(Saem)*

## CENA II

*Verona. Cella de frei Lourenço. Entra frei João.*

FREI JOÃO

Santo irmão franciscano! Olá, irmão!

*(Entra frei Lourenço)*

FREI LOURENÇO

A voz é de frei João. Deve ser ele. Ó tu que vens de Mântua, sê bem-vindo. Romeu que disse? Ou então, se o pensamento mandou escrito, dá-me sua carta.

FREI JOÃO

Fui procurar um frade de nossa ordem de pés descalços, que visita os doentes, para ir comigo a Mântua, mas os guardas da cidade, pensando que tivéssemos estado numa casa em que a infecciosa pestilência domina, as portas logo fecharam, não deixando que saíssemos. Desta arte minha pressa de ir a Mântua ficou parada.

FREI LOURENÇO

E quem levou a carta para Romeu?

FREI JOÃO

Não pude remetê-la — ei-la aqui outra vez — tentei, embalde, achar um portador para levá-la, tanto medo têm todos de infecção.

FREI LOURENÇO

Quanta falta de sorte! Por minha ordem, essa carta não é sem importância, mas de peso e conteúdo muito grave. O atraso pode ser de consequências muito sérias. Frei João, vai bem depressa buscar uma alavanca; estou na cela.

FREI JOÃO

Pois não, irmão; levá-la-ei já já. (*Sai*)

FREI LOURENÇO

Agora tenho de ir sozinho ao túmulo. Dentro destas três horas vai a bela Julieta despertar; vai maldizer-me porque Romeu ficou sem ter notícias de quanto aconteceu. Mas para Mântua vou escrever de novo; em minha cela vou deixá-la escondida, até que possa Romeu chegar aqui. Pobre cadáver vivo, enterrado numa sepultura! (*Sai*)

### CENA III

*O mesmo. Um cemitério, com o túmulo dos Capuletos. Entram Páris e seu pajem, trazendo flores e uma tocha.*

PÁRIS

Dá-me a tocha, rapaz, e fica à parte. Não, apaga-a; não quero que me vejam. Deita-te ali embaixo do cipreste e o ouvido encosta junto do

oco solo. Assim, não pisará o cemitério nenhum pé, sendo o solo pouco firme, frouxo e escavado pelas sepulturas, sem que o percebas. Deves assobiar-me, em sinal de que vem chegando gente. Dá-me essas flores. Faze o que te disse.

PAJEM (*à parte*)

Sinto um pouco de medo, por sozinho me ver no cemitério. Mas que seja. (*Sai*)

PÁRIS

Minha querida flor, espalho flores em teu leito — Oh! de pedras é o dossel! — De água à noite trarei irrigadores ou o pranto amargo de meu fado cruel. Os funerais de nossa desventura flores far-te-ão nascer na sepultura. (*O pajem assobia*) O menino me avisa que vem gente. Que pé maldito pisa estes caminhos durante a noite, para perturbar-me nos funerais e ritos do amor puro? Como! Traz uma tocha? Noite, esconde-me durante alguns instantes. (*Retira-se*)

(*Entram Romeu e Baltasar, com uma tocha, enxadão, etc.*)

ROMEU

Dá-me o ferro e o enxadão. Toma esta carta. Logo que amanhecer tens de entregá-la ao meu senhor e pai. Agora, a tocha. Por tua vida te exorto: embora vejas e ouças seja o que for, fica a de parte, sem vires perturbar-me. Se ora desço a este leito de morte, em parte é apenas para o rosto ainda ver de minha esposa, mas, sobretudo, para de seu dedo de morta o anel tirar muito precioso que necessito para um caso extremo. Por isso, parte logo. Mas se, acaso só por curiosidade retornares para espiar o que fazer pretendo: pelo céu! quebrar-te-ei todas as juntas e encherei o faminto cemitério com partes de teu corpo. Meus intuitos a esta hora são selvagens, mais violentos e inexoráveis ainda do que o tigre faminto e o mar revoltado.

BALTASAR

Vou-me embora, senhor, sem vos atrapalhar em nada.

ROMEU

Assim, me provarás tua amizade. Toma isto para ti; vive e prospera. E agora, bom amigo, passa bem.

BALTASAR (*à parte*)

Mas apesar de tudo, vou esconder-me por aqui mesmo. Não confio nele e temo seu olhar. (*Retira-se*)

ROMEU

Matriz da morte, detestável maxila, que estás cheia da mais cara partícula da terra: assim te forço os maxilares podres (*Abre a sepultura*) e te obrigo a aceitar mais alimento.

PÁRIS

Este é o Montecchio altivo, que banido foi por ter morto o primo de Julieta, por cuja dor a morrer veio aquela criatura incomparável. Eilo agora que vem para fazer nesses cadáveres alguma vilania oprobriosa. Vou prendê-lo. (*Adianta-se*) Interrompe teu maldito trabalho, vil Montecchio! Como! É crível que a vingança vá além da própria morte? Estás preso, banido desprezível. Obedece e me segue; morrer deves.

ROMEU

Devo morrer, é fato; foi para isso que vim aqui. Mancebo generoso, tentar não queiras um desesperado. Foge daqui e deixa-me; reflete nestes mortos e que eles te amedrontem. Suplico-te, mancebo, não me faças arcar com o peso de mais um pecado, pois aqui vim contra mim próprio armado. Não fiques; vai-te e dize no porvir que foi um louco que te fez fugir.

PÁRIS

Importância não dou a teu pedido e prendo-te por seres criminoso.

ROMEU

Queres me provocar? Então defende-te.

(*Batem-se*)

PAJEM

Batem-se, oh Deus! Vou já chamar a guarda. (*Sai*)

PÁRIS (*cai*)

Estou morto! Se fores compassivo, abre a tumba e me deita com Julieta. (*Morre*)

ROMEU

Em verdade o farei. Porém vejamos estas feições: o nobre conde Páris, parente de Mercúcio! Que me disse meu criado, quando juntos caminhávamos para cá e minha alma atormentada não escutava nada? Não me disse que Páris e Julieta iam casar-se? Não foi assim, ou terá sido sonho? Ou então, por estar louco, pensei nisso, quando ele me falava de Julieta? Dá-me essa mão, ó tu que estás inscrito, como eu também, no livro do infortúnio. Vou depor-te num túmulo glorioso. Túmulo? Não, mancebo assassinado; uma lanterna, pois Julieta se acha deitada aí e sua formosura faz desta abóbada uma sala régia, transbordante de luz. Repousa, morto, por um morto enterrado. (*Coloca no túmulo o corpo de Páris*) Quantas vezes, no ponto de morrer, ledos se mostram os homens? É o clarão da despedida, dizem quantos o doente estão velando. Oh! poderei chamar clarão a esta hora? Ó meu amor! querida esposa! A morte que sugou todo o mel de teu doce hálito poder não teve em tua formosura. Não; conquistada ainda não foste; a insígnia da beleza em teus lábios e nas faces ainda está carmesim, não tendo feito progresso o pálido pendão da morte. Tebaldo, jazes num lençol de sangue? Oh! que maior favor fazer-te posso do que com esta mesma mão que a tua mocidade cortou, destruir, agora, também, a do que foi teu inimigo? Primo, perdoa-me. Ah! querida esposa, por que ainda és tão formosa? Pensar devo que a morte insubstancial se apaixonasse de ti e que esse monstro magro e horrível para amante nas trevas te conserve? Com medo disso, ficarei contigo, sem nunca mais deixar os aposentos da tenebrosa noite; aqui desejo permanecer, com os vermes, teus serventes. Aqui, sim, aqui mesmo fixar quero meu eterno repouso, e desta carne lassa do mundo sacudir o jugo das estrelas funestas. Olhos, vede mais uma vez; é a última. Um abraço permiti-vos também, ó braços! Lábios, que sois a

porta do hálito, com um beijo legítimo selai este contrato sempiterno com a morte exorbitante. Vem, condutor amargo! Vem, meu guia de gosto repugnante! Ó tu, piloto desesperado! lança de um só golpe contra a rocha escarpada teu barquinho tão cansado da viagem trabalhosa. Eis para meu amor. *(Bebe)* Ó boticário veraz e honesto! tua droga é rápida. Deste modo, com um beijo, deixo a vida. *(Morre)*

*(Entra pelo outro lado do cemitério frei Lourenço com lanterna, alavanca e uma pá)*

FREI LOURENÇO

São Francisco me ajude! Quantas vezes esta noite meus pés enfraquecidos tropeçaram em túmulos? Quem vive?

BALTASAR

É um amigo, que muito vos conhece.

FREI LOURENÇO

Deus te abençoe. Querido amigo, diz-me que tocha é aquela ali que embalde a sua luz aos vermes empresta e aos crânios cegos? Ao que parece, está no monumento dos Capuletos.

BALTASAR

Sim, é lá, santo homem. Lá se acha meu senhor, de quem gostais.

FREI LOURENÇO

Quem é ele?

BALTASAR

Romeu.

FREI LOURENÇO

Há quanto tempo está ele lá?

BALTASAR

Há cerca de meia hora.

FREI LOURENÇO

Vem comigo até o túmulo.

BALTASAR

Não ousou fazer isso, senhor; meu amo pensa que eu fui embora e me ameaçou de morte se eu ficasse a espreitá-lo.

FREI LOURENÇO

Então espera; irei só; já começo a sentir medo. Oh! receio algum caso desastrado.

BALTASAR

Tendo dormido sob aquele teixo, vi em sonhos, parece, que meu amo se batia com outro, tendo-o morto.

FREI LOURENÇO (*adiantando-se*)

Romeu! Romeu! Oh dor! Que sangue é este que mancha a entrada pétrea do sepulcro? Que quererão dizer estas espadas sem dono, a estilar sangue e descoradas, neste lugar de paz? (*Entra no túmulo*) Romeu! Oh, pálido! Quem mais? Quê! Também Páris? E encharcado de sangue? Oh! que hora dura teve culpa deste acontecimento lamentável? A senhora se mexe.

(*Julieta desperta*)

JULIETA

Ó meu bom frade, onde está meu senhor? Sei muito bem onde eu devia estar, onde me encontro. Mas onde está Romeu?

(*Barulho dentro*)

FREI LOURENÇO

Ouçou bulha. Saí, senhora, desse ninho de morte, de contágio e sono contrário à natureza. Uma potência por demais forte para que a vencemos frustrou nossos intentos. Vem, bem logo! Teu marido em teu seio se acha morto; Páris também. Vem logo; vou levar-te para um convento de piedosas freiras. Não percas tempo com perguntas;

vamos; a guarda está chegando. Vem, bondosa Julieta; não me atrevo a esperar mais.

JULIETA

Vai, que eu daqui não sairei jamais. (*Sai frei Lourenço*) Que vejo aqui? Um copo bem fechado na mão de meu amor? Certo: veneno foi seu fim prematuro. Oh! que sovina! Bebeste tudo, sem que me deixasses uma só gota amiga, para alívio. Vou beijar esses lábios; é possível que algum veneno ainda se ache neles, para me dar alento e dar a morte. (*Beija-o*) Teus lábios estão quentes.

PRIMEIRO GUARDA (*dentro*)

Vamos, guia-me, rapaz; qual é o caminho?

JULIETA

Ouçõ barulho. Preciso andar depressa. Oh! sê bem-vindo, punhal! (*Apodera-se do punhal de Romeu*) Tua bainha é aqui. Repousa ai bem quieto e deixa-me morrer. (*Cai sobre o corpo de Romeu e morre. Entram os homens da guarda, com o pajem de Páris*)

PAJEM

É ali o ponto, onde está acesa a tocha.

PRIMEIRO GUARDA

Há sangue pelo chão. Passai revista em todo o cemitério, e se encontrardes alguém, prendei-o. (*Saem alguns guardas*) Oh vista dolorosa! Aqui se encontra, assassinado, o conde, e Julieta a sangrar de novo e morta recentemente, que há dois dias fora posta neste sepulcro. Ide depressa chamar os Capuletos e os Montecchios. Na busca prossegui vós outros. (*Saem outros guardas*) Vemos o terreno de tantas desventuras; mas o terreno verdadeiro destas desgraças lastimáveis, só podemos ficar sabendo após maior estudo.

(*Voltam alguns guardas com Baltasar*)

SEGUNDO GUARDA

É o criado de Romeu; fomos achá-lo dentro do cemitério.

PRIMEIRO GUARDA

Segurai-o com bem cautela, até que chegue o príncipe.

*(Volta outro guarda, com frei Lourenço)*

TERCEIRO GUARDA

Aqui está um frade que suspira e chora, sem parar de tremer. Nas mãos trazia uma pá e este ferro, e deste lado vinha do cemitério.

PRIMEIRO GUARDA

São indícios suspeitos; segurai também o frade.

*(Entra o príncipe com seu séquito)*

PRÍNCIPE

Que desgraça se deu aqui tão cedo, para tirar assim nossa pessoa de seu sono habitual?

*(Entram Capuleto, a senhora Capuleto e outros)*

CAPULETO

Por que esses gritos por toda parte? Que houve?

SENHORA CAPULETO

Pelas praças o nome de Romeu o povo grita; outros, o de Julieta; outros, de Páris, correndo com clamores toda a gente para o lado do nosso monumento.

PRÍNCIPE

Que horror é esse que nos fere a vista?

PRIMEIRO GUARDA

Príncipe, aqui está, morto o conde Páris; morto, Romeu; e a que antes falecera, Julieta, quente está e outra vez morta.

PRÍNCIPE

Investigai por outra parte como se deu este horroroso morticínio.

PRIMEIRO GUARDA

Aqui está um frade e aqui, também, o criado de Romeu; instrumentos carregavam para arrombar o túmulo dos mortos.

CAPULETO

Oh céus! Mulher, vê nossa filha: sangra! Enganou-se o punhal; sua bainha se acha vazia ao lado de Montecchio. Está mal colocado em nossa filha.

SENHORA CAPULETO

Ai de mim! Este quadro só de mortes é como um toque fúnebre que a minha velhice chama para a sepultura.

*(Entram Montecchio e outros)*

PRÍNCIPE

Vem cá, Montecchio; cedo te levantas para mais cedo ver baixar teu filho.

MONTECCHIO

O meu senhor! durante a noite a minha senhora faleceu; cortou-lhe o fôlego a tristeza do exílio de meu filho. Que mais conspira contra minha idade?

PRÍNCIPE

Olha e verás.

MONTECCHIO

O néscio! néscio! que costume é esse de, antes do pai, entrar na sepultura?

PRÍNCIPE

Sela a boca do ultraje por um pouco, até que este mistério esclareçamos e fiquemos sabendo sua origem e verdadeiro curso. Depois disso, comandante serei de vossas dores e conduzir-vos-ei à

própria morte. Até lá sossegai e que a desgraça se submeta à paciência. Apresentai-nos as pessoas suspeitas.

#### FREI LOURENÇO

Dos presentes sou eu o mais suspeito, muito embora seja o que menos pode fazer algo, visto acusarem-me o lugar e a hora. Eis-me a acusar-me, a um tempo, e a defender-me, num só momento condenado e absolto.

#### PRÍNCIPE

Dize então logo o que sobre isto sabes.

#### FREI LOURENÇO

Serei breve, porque meu curto fôlego não é mais longo do que história insípida. Romeu, aqui sem vida, era marido desta Julieta, assim como ela, morta também aqui, era a fiel consorte deste Romeu. Fui eu que os desposei. O dia dessas núpcias clandestinas foi o do final juízo de Tebaldo, cuja morte banuiu de nosso burgo o recente marido. Era por causa dele, não por Tebaldo, que Julieta se vinha definhando. Vós, com o fito de expulsar-lhe do peito essa tristeza, ao conde a prometestes, tencionando casá-la a contragosto. Procurou-me desvairada e pediu-me que inventasse qualquer recurso que a livrasse desse segundo casamento, ou então lá mesmo, sem vacilar, poria termo à vida. Dei-lhe então — por minha arte aconselhado — um estupefaciente que sobre ela o efeito produziu por mim visado, a aparência emprestando-lhe da morte. A Romeu escrevi nesse entrementes, para que ele aqui viesse nesta noite de horrores ajudar-me a retirá-la de seu falso sepulcro, pois o efeito do veneno nessa hora cessaria. Mas a pessoa que levou a carta, Frei João, detido foi por acidente, tendo-ma devolvido ontem à noite. Então, sozinho, na hora prefixada para ela despertar, vim retirá-la do túmulo dos seus, a ideia tendo de escondê-la na minha pobre cela, até chamar Romeu. Aqui chegando, porém — alguns minutos antes da hora de Julieta acordar — encontrei mortos antes de tempo o nobre conde Páris e o fiel Romeu. Julieta despertou. Roguei-lhe que fugisse e que aceitasse com paciência o que o céu lhe destinara. Nisso, um barulho me afastou do túmulo, sem que, em seu

desespero, ela comigo se retirasse, tendo, ao que parece, posto termo à existência. Sei só isso. A ama se achava a par do casamento. Se algo nisto falhou por minha culpa, que minha velha vida, algumas horas antes do tempo, o expie em sacrifício, sob o rigor da mais severa pena.

PRÍNCIPE

Por um santo homem sempre te tivemos. E o criado de Romeu, que nos informa?

BALTASAR

Fui portador a meu senhor da nova da morte de Julieta. Ele, apressado, veio de Mântua para cá, para este mesmo túmulo, tendo-me ordenado que esta carta a seu pai desse bem cedo. Ao penetrar no túmulo, ameaçou-me de morte se eu não fosse logo embora e não o deixasse aqui.

PRÍNCIPE

Dá-me essa carta; quero ver o que diz. E onde está o pajem do conde Páris, que chamou a guarda? Que fazia teu amo aqui, pequeno?

PAJEM

Veio com flores para a sepultura de sua noiva, tendo-me ordenado que ficasse de parte. Obedeci-lhe. Depois, com luz, chegou um homem, para violar a sepultura, tendo logo sacado meu senhor contra ele a espada. Saí correndo e fui chamar a guarda.

PRÍNCIPE

Confirma a carta o que nos disse o monge: como o amor decorreu, a falsa nova da morte dela. Aqui ele nos conta que veneno comprou de um boticário e que vinha morrer neste sepulcro, para ficar ao lado de Julieta. Onde se encontram esses inimigos? Capuleto! Montecchio! Vede como sobre vosso ódio a maldição caiu e como o céu vos mata as alegrias valendo-se do amor. Por minha parte, por ter condescendido com vós todos, dois parentes perdi. Fomos punidos.

CAPULETO

Dá-me tua irmão, irmão Montecchio; é o dote de minha filha. Mais, pedir não posso.

MONTECCHIO

Mas eu posso dar mais, pois hei de a estátua dela mandar fazer do mais puro ouro. Enquanto for Verona conhecida, nenhuma imagem terá tanto preço como a da fiel e mui veraz Julieta.

CAPULETO

Romeu fama também dará à cidade; vítimas são de nossa inimizade.

PRÍNCIPE

Esta manhã nos trouxe paz sombria: esconde o sol, de pesadume, o rosto. Ide; falai dos fatos deste dia; serei clemente, ou rijo, a contragosto, que há de viver de todos na memória de Romeu e Julieta a triste história.

*(Saem)*



**Iba Mendes Editor Digital**  
**www.poeteiro.com'**